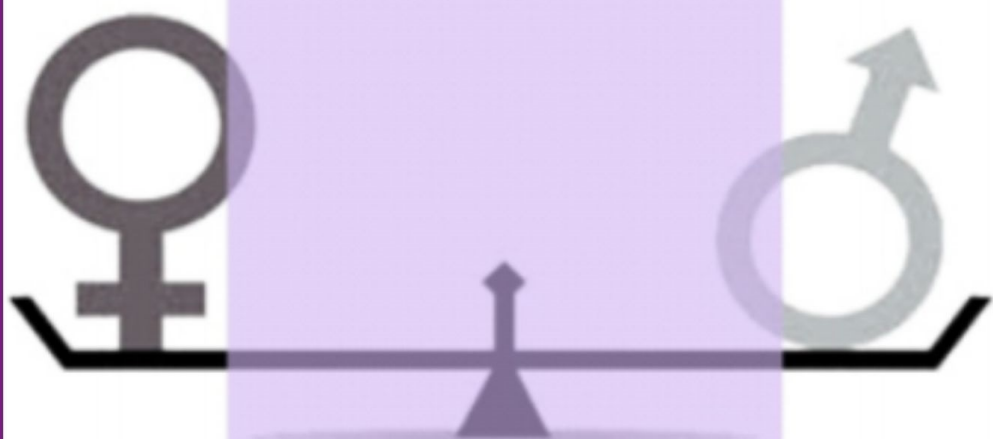


ELLEN MELO



EM BUSCA DO EQUILÍBRIO

entre o feminino
e o masculino

3ª edição



EDITORA EDFIKA

Em busca do Equilíbrio

entre o feminino e o masculino

3ª edição



Esta obra é licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution-ShareAlike4.0 Brasil.



EDITORA EDIFIKA
2023

Ellen Melo

Em busca do Equilíbrio

entre o feminino e o masculino

3ª edição



EDITORA EDFIKA

© COPYRIGHT 2023 BY ELLEN MAIANNE SANTOS MELO

Edição: José Edson Cavalcante da Silva.

Diagramação: José E. C. Silva.

Idealização da Capa: Ellen Maianne Santos Melo.

Atualização Capa: Rafael dos Santos Barboza.

Revisão: Vagner Ramalho e Sandra Araújo Lima.

Organização Literária: Thaise Paim e Cinthia Lima.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M528e

Melo, Ellen Maianne Santos.

Em busca do equilíbrio: entre o feminino e o masculino / Ellen Maianne Santos Melo. – Arapiraca / Alagoas: Editora Edfika, 2023. Edição 3.

176 p.

ISBN: 978-65-85231-02-2

1. Feminismo 2. Empoderamento feminino 3. Equilíbrio 4. Masculino 5. Feminino. I. Título. II. Autora.

CDD 306.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Grupos Sociais 306.81

Ficha catalográfica elaborada por:

Luciete Barbosa da Silva

Bibliotecária (o)

CRB-4/1739

Sempre nos disseram: "Isso é de criança". "Isso é de adulto". "Isso é de menino". "Isso é de menina". E de tanto nos ditarem as letras, nos esquecemos da nossa própria melodia.

Elmelo



DEDICATÓRIA

Dedico este livro às pessoas que compartilham comigo a esperança de que em breves dias não mais será necessário discutirmos as questões de gênero, raça ou etnia porque aprendemos a nos ver enquanto pessoas, respeitando a singularidade ontológica que nos torna humanos. Em breve não precisaremos resistir. Mas, simplesmente, existir.

Ellen Melo



SUMÁRIO

Dedicatória	07
Prefácio	13
Apresentação	17
CAPÍTULO I	
Da diferenciação entre homens e mulheres.....	20
CAPÍTULO II	
O que querem das mulheres.....	37
CAPÍTULO III	
As mulheres e o trabalho invisível.....	44
CAPÍTULO IV	
As mulheres são vulneráveis?.....	53
CAPÍTULO V	
Machismo, isso existe?.....	66
CAPÍTULO VI	
Machismo feminino.....	73
CAPÍTULO VII	
Masculinidade tóxica.....	79
CAPÍTULO VIII	
A miséria espiritual masculina.....	90
CAPÍTULO IX	
Dominação masculina.....	96

CAPÍTULO X	
As profissões têm gênero?.....	101
CAPÍTULO XI	
Violência contra a mulher.....	109
CAPÍTULO XII	
Abandono masculino.....	120
CAPÍTULO XIII	
Briga de casal.....	127
CAPÍTULO XIV	
Relacionamento abusivo.....	134
CAPÍTULO XV	
Da sutileza dos abusos.....	143
CAPÍTULO XVI	
Situações de uma relação abusiva.....	151
CAPÍTULO XVII	
Uma mulher forte para um homem forte.....	162
CAPÍTULO XVIII	
Como pode alguém não ser feminista?.....	164
Referências.....	170
Agradecimentos.....	174
HOMENAGEM.....	175

PREFÁCIO

Amado leitor e amada leitora.

Dentre as incríveis oportunidades que a luta feminista me proporcionou, uma das mais marcantes foi ter a honra de prefaciá-lo livro *Em busca do Equilíbrio: entre o feminino e o masculino*, da maravilhosa Ellen Melo, uma mulher forte que, como todas nós, cresceu rodeada das disparidades de tratamento entre homens e mulheres, sem ter ainda a noção real das causas e dos reflexos disso durante grande parte da sua vida.

De uma forma incrível, mostrando mais uma vez a força da espiritualidade e da atração de energias, o despertar da Ellen para a sua desconstrução e reconstrução sobre tudo que permeia esse tema, foi muito semelhante ao meu. Foi preciso que o machismo estrutural e o patriarcado, que impõem às mulheres o pesado fardo de se encaixar nos

padrões cruéis criados por eles, adocessem o corpo, a mente e a alma de ambas, de uma maneira tão sufocante que nos tirou até o sentido da vida. Só que, como o que não nos mata nos fortalece, ressurgimos das cinzas para de alguma forma contribuir com a vida de outras mulheres também vítimas dessa violência velada sofrida por todas nós, desde a infância até a fase adulta, e aqui iniciamos a linda contribuição dela para a nossa luta!!

Quem não gostaria de ter a fórmula para termos um mundo mais justo e mais equânime para nós e para nossos filhos e filhas? Esse é um sonho da grande maioria. Mas quantas dessas pessoas tiveram a oportunidade de conhecer e refletir sobre as causas de tanta desigualdade e injustiça? Ora, a gente só consegue chegar em uma solução para um problema quando sabemos a causa e reconhecemos que esse problema existe. Pois é, vivemos em um mundo em que mulheres e homens sofrem impactos gravíssimos resultantes da cultura machista e patriarcal que promovem exatamente a perpetuação de uma sociedade doente, injusta e desigual.

O livro traz de uma maneira bem acessível e direta um resumo de como a origem da sociedade e o surgimento das instituições contribuíram para que tivéssemos hoje, uma configuração social em que existem oprimidas e opressores, dominantes e dominadas, de forma que nunca atingiremos o patamar de justiça e igualdade se permanecermos retroalimentando esse ciclo. Esse ciclo

precisa ser quebrado e isso só vai acontecer quando tomarmos consciência da profundidade desse assunto e da necessidade de discussão, reflexão e busca de soluções para promovermos a desconstrução da realidade cruel promovida pelo machismo e pela ideologia do patriarcado.

Através deste livro, vimos também como o nosso cotidiano está cheio de situações que reforçam toda essa cultura nociva. São pequenos gestos, palavras, jargões, tão comuns e naturais que muitas vezes nem percebemos o quanto aquilo é um agente propagador e alimentador da fonte dos maiores males entre os gêneros, o machismo estrutural e o patriarcado. São esses os responsáveis por milhares de mulheres violentadas e/ou assassinadas por homens que as veem como inferior, objeto, propriedade deles, sem direito de escolha, sem direito à vida.

Para contextualizar e mostrar de forma prática como isso se dá dentro da nossa sociedade, a autora usou de um excelente recurso. Ela traz exemplos de situações vividas por mulheres, as quais comprovam o quanto é necessário trazer à tona esse assunto e demonstram a quão danosa é para homens e mulheres a permanência desse modelo social, unindo, dessa forma, o mundo conceitual com o mundo real, culminando no resultado perfeito para a fácil compreensão.

Sinto-me extremamente lisonjeada e feliz por esse momento e com toda gratidão deixo vocês com essa leitura tão importante e necessária para juntos e juntas podermos

fazer a diferença e deixar um legado para as próximas gerações!!

Estamos juntos e juntas!!

Camila Paiva
Maceió, fevereiro de 2021.

APRESENTAÇÃO

Em busca do Equilíbrio: entre o feminino e o masculino discorre acerca das relações sociais que envolvem os gêneros feminino e masculino, trazendo elementos para discussões sobre os papéis sociais que homens e mulheres ocupam na sociedade contemporânea. Não é meu intuito oferecer uma receita de como conquistarmos o equilíbrio, nem teorizar sobre o conceito de equilíbrio. Mas sim apresentar, à luz do feminismo, algumas situações que nos levarão à reflexão sobre as relações de poder existentes na demarcação dos gêneros.

No século XXI, quando muitos direitos foram legalmente alcançados pelas e para as mulheres, ainda há muito o que se refletir a fim de buscarmos implementar uma sociedade mais justa, em que as questões de gênero não se sobreponham sobre as subjetividades e nem sejam determinantes do sucesso ou do sofrimento de certos

sujeitos, especialmente daqueles seres humanos que se identificam com o gênero feminino.

As relações de poder que subjugam mulheres, enquanto enaltecem homens, estão disseminadas por toda a sociedade, sendo verificadas tanto na esfera da vida pública quanto na esfera da vida privada. Por isso, este livro traz alguns exemplos de vários contextos: escolar, familiar, profissional e cultural, os quais nos farão refletir sobre as relações de poder que envolvem as relações entre o feminino e o masculino.

Para tanto, é necessário tratar de temas como: machismo, feminismo, feminicídio, relacionamentos abusivos, o ser homem e o ser mulher no século XXI, dentre outros temas, tendo como foco um olhar feminino. Ao tratar de relacionamentos afetivos, abordarei a temática através de uma perspectiva heterossexual e cisgênera. Para expor a temática feminista utilizarei o modelo binário para falar acerca das categorias feminino e masculino. Mas entendo que nossa orientação sexual e identidade de gênero é muito mais complexa do que o modelo heterossexual e binário.

Convido as leitoras e os leitores a passearem por essas páginas cheias de relatos que caracterizam algumas experiências que servirão de exemplos para ilustrar o quanto às relações de poder entre o feminino e o masculino ainda estão em desequilíbrio.

Contudo, é necessário buscar o equilíbrio entre essas duas forças opostas e complementares, a fim de que possamos compartilhar nossas existências sem contribuirmos para a permanência do paradoxo: dominador x dominada. Para vencermos essa dicotomia, primeiro precisamos reconhecer que esse paradoxo ainda existe, embora às vezes se apresente de forma dissimulada.

Em busca do Equilíbrio: entre o feminino e o masculino mudará a forma de como vemos algumas situações relacionadas à diferenciação de gênero, despertando-nos a criticidade, com vistas a uma mudança de comportamentos em nossas relações e nos fazendo entender que as marcas de gênero que nos são cunhadas pela cultura limitam o entendimento das nossas complexidades e singularidades e imprimem na sociedade um desequilíbrio entre as forças femininas e masculinas.

A autora.



I

Da diferenciação entre homens e mulheres

Em se tratando de abusos e explorações, grande parte dos problemas vividos por mulheres é fruto de uma sociedade que ao longo de milênios trata o sexo feminino como um ser inferior ao homem. Vemos essa relação de submissão traduzida em livros milenares como a Bíblia e o Alcorão. Para citar um exemplo claro que traduz a ideia de que as mulheres devam ser submissas aos homens, tem-se a narrativa do “pecado original” descrita no livro de Gênesis, capítulo 3. Lá é descrito o castigo divino

direcionado à mulher: “Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará”.¹ A partir de Eva, a sentença de todas as mulheres estaria selada. Sofreríamos dores no parto e seríamos dominadas pelos homens. Essa narrativa mitológica que trata da criação do homem e da mulher, bem como da expulsão de ambos do paraíso – graças à transgressão perpetrada pela mulher – data de cerca de 3 mil anos atrás e reflete a cultura de uma época. Mas, mesmo após passados três milênios, a cultura que submete as mulheres à dominação masculina continua sendo reproduzida, mesmo que de forma mais sutil.

Na contemporaneidade, o avanço da ciência e da tecnologia trouxe alterações nas formas de organização social e modificou as relações de trabalho e o conceito de força. Agora, existem diversas máquinas que substituem o uso da força física para a realização de diversos trabalhos, e a racionalidade que é capaz de criar e modificar o seu meio se constitui na maior fonte de força e poder de dominação. O desenvolvimento da tecnologia, alicerçada pelo desenvolvimento da ciência, engendra novas formas de organização social e a máxima baconiana “saber é poder” ganha caráter de realidade.

No entanto, o desenvolvimento da raça humana e a evolução das suas capacidades de dominação e transformação da natureza não se deram de forma

¹Bíblia de Jerusalém. Gênesis, Capítulo 3. São Paulo: Paulus, 2002.

equânime para todas e todos. Criamos camadas sociais, raciais e de gênero que nos diferenciam entre nós, fazendo com que exista a nefasta relação dicotômica: dominador x dominado. A questão cultural que define a diferenciação dos gêneros feminino e masculino serve para demarcar as posições de poder. Discriminar os comportamentos cabíveis aos gêneros serve para distinguir os inferiores dos superiores e estabelecer as fronteiras entre quem manda e quem obedece. Por isso, nossa cultura acentua desde muito cedo as distinções entre as pessoas. Mas, como o que nos interessa neste livro é a discussão de gênero, trataremos da distinção entre os gêneros masculino e feminino.

Entretanto, não é óbvio que homens e mulheres são diferentes? Até um olhar desatento consegue enxergar de longe que não somos idênticos. Nossos corpos nos representam enquanto seres pertencentes a um determinado sexo². Porém, a pertença a um sexo específico, dotado de características biológicas reprodutivas distintas, ao invés de servir para se tentar justificar a demarcação de poder e submissão de um gênero sobre outro, deverá ao contrário, nos fazer concluir que há uma interdependência entre o masculino e o feminino e que ambos constituímos a potencialidade geracional da raça humana.

Todavia, a submissão do feminino ao masculino ainda é uma realidade arraigada nas entranhas mais profundas da

²Parto aqui de uma visão binária.

nossa cultura. O poder e a superioridade do macho sobre a fêmea é o que reflete o machismo, que é fruto de uma sociedade patriarcal, centrada e construída através da pretensa superioridade do pai sobre a mãe. Por isso, mesmo diante de tantas transformações sofridas pelas sociedades ao longo de milênios, ainda reproduzimos a ideologia de uma sociedade machista e patriarcal. O patriarcado é a estrutura de poder sob a qual está alicerçada a nossa sociedade e reproduzir essa ideologia significa manter o *status quo* para não abalar essa estrutura de poder.

Mesmo após o aumento do índice de escolaridade das mulheres, da permissão da participação feminina nas decisões políticas por meio do voto, da invenção de diversas máquinas que facilitam e até substituem diversos trabalhos domésticos e do desenvolvimento de diversos métodos contraceptivos, é perceptível ainda nos dias de hoje que os espaços sociais ocupados pelas mulheres limitam-se, na maior parte dos casos, ao papel de auxiliadoras dos homens, ocupando as funções de serviços.

A cultura de submissão das mulheres aos homens existe e, para que continue a existir a relação entre dominadores x dominadas, é necessário reproduzir essa cultura. Assim, cabe às famílias, às escolas, às igrejas e a outras formas de organização social, o papel de demarcar as distinções entre os gêneros por meio da imposição de diversas fronteiras

entre meninos e meninas para que se entenda que não estamos em posições de equidade, e que cabe às mais fracas se submeterem aos mais fortes.

É por isso que meninos são desestimulados a participarem de brincadeiras historicamente atribuídas às meninas – como brincar de bonecas – e as meninas são desestimuladas a participarem de atividades historicamente atribuídas aos meninos – como brincar de carrinhos. Para manter o *status quo* de uma sociedade machista é necessário atribuir às mulheres o papel de cuidadoras e aos homens o papel de dirigentes. Mas o papel de cuidar e dirigir não são marcas de gênero, uma vez que ambos podem cuidar e prover. Devemos buscar um equilíbrio entre as forças feminina e masculina, não uma relação de submissão entre elas.

Mas, os argumentos são insuficientes para traduzir a gravidade da realidade que esse livro tenta mostrar, ao tematizar os dilemas vividos por nós, mulheres. Apenas relatos de situações conseguem se aproximar dessa dura realidade e provocar uma abertura empática que pode ser capaz de nos fazer pensar sobre os nossos comportamentos. Por isso, apresento a seguir a experiência da Júlia.

Júlia se viu pensando nessa relação de submissão entre homens e mulheres quando se deparou observando uma foto da sua família, que encontrou dentro de um livro na estante da casa da sua avó, Célia. Era uma foto em preto e

branco, já desgastada pelo tempo, e media pouco mais de dez centímetros. Naquela foto havia quatro mulheres com belos penteados, de cabelos presos, saias longas e olhares vazios. O que chamara a atenção de Júlia, naquela foto, foram as posições ocupadas pelos gêneros. As mulheres estavam sentadas à frente dos três homens, que estavam de pé atrás delas, todos de terno e gravata. O homem com a aparência mais velha estava ao centro e tinha um olhar firme e expressão sisuda. Os dois homens da ponta transmitiam alegria e leveza, embora estivessem sérios. Júlia perguntou a sua avó:

– Quem são essas pessoas?

E sua vó respondeu:

– Aqui estou eu, sua bisavó e minhas duas irmãs. Atrás está o seu bisavô e os meus dois irmãos.

– Minha mãe teve duas tias?!

Perguntou Júlia, com surpresa.

– Sim. Mas vocês não as conheceram.

Os olhos da Vó Célia se encheram de lágrimas, mas ela continuou a contar, o que para Júlia era uma grande novidade: o fato dela ter tido duas tias segundas. Ao apontar para a foto, a avó da Júlia apresentou a sua irmã Celina. Ela fugiu de casa aos 16 anos – quatro meses após posar para aquela foto – com o Carlos, que trabalhava na fazenda do pai da jovem. Como o pai não permitia o namoro, ela decidiu fugir com o namorado e se lançou à própria sorte.

– Mas, vocês nunca mais a viram?!

– Não.

Respondeu a vó Célia.

– Em 1973, dois anos após Celina fugir, nos chegou a notícia de que ela tinha morrido. Ela morreu aos 18 anos, e dizem que foi de tristeza. O casamento não deu certo. Carlos abandonou Celina e ela, por medo e vergonha, não podia voltar pra casa. E foi assim que a família perdeu a Celina. Minha irmã morreu desamparada!

Falou a vó Célia com lágrimas nos olhos.

Toda aquela história era surpreendente para Júlia, e talvez, nem mesmo a sua mãe, Catarina, soubesse dos acontecimentos narrados por Célia. O que mais espantou Júlia foi a tentativa de apagamento e silenciamento sobre o que havia ocorrido com a tia Celina. Graças ao seu triste fim – de ter contrariado a vontade do seu pai ao se iludir por um homem, ao ponto de fugir de casa com ele, o nome da irmã de Célia havia sido suprimido da história da família. Mas agora a história da tia Celina era evocada pela constante presença dela naquela foto.

Mesmo tomada de consternação pelos acontecimentos narrados, a curiosidade de Júlia ainda queria saber quem era aquela outra mulher da foto. Foi então que a sua avó contou que aquela era a tia Beatriz e que a mãe de Júlia também não a havia conhecido, porque tia Beatriz faleceu aos 19 anos, vítima de um hemorragia pós-parto. Júlia já havia ouvido falar da tia Beatriz, mas era a primeira vez

que ouvira falar da tia Celina. Aquela foto desencavou histórias! Ela foi tirada no dia da formatura do tio Bento, na faculdade de Direito, em 1971.

Quando Júlia voltou da casa da avó Célia, ao entrar no quarto do filho Tom, de três anos, para guardar os brinquedos do garoto, deparou-se com uma foto dele junto à turminha da escola. A foto estava em um porta-retratos. Aquela foto impressa em 2020 tinha a mesma estrutura da foto batida em 1971. Tom e os colegas estavam de pé atrás das meninas, e as meninas estavam sentadas na frente deles, todas de pernas cruzadas e com sorrisos nos rostos.

Aquela foto exprimia demarcações de gêneros. Embora as roupas usadas por meninos e meninas fossem parecidas, porque as crianças estavam todas de farda, Júlia notou que as posições e os espaços ocupados por meninos e meninas eram praticamente os mesmos ocupados na foto de 1971. Meninos de pé atrás das meninas, e elas sentadas à frente. Meninas se portando elegantemente de pernas cruzadas e esforçando-se para apresentar simpatia e beleza por meio de um sorriso. Júlia só foi capaz de notar que a foto de 2020, comparada à foto de 1971, era sintomática porque havia cursado na faculdade de Pedagogia uma disciplina chamada “Educação e Sociedade”, que havia despertado o seu senso crítico para que identificasse alguns problemas concernentes às demarcações de gênero e a suas relações de poder.

Júlia parou para pensar o quanto é verdade que as escolas e as famílias são reprodutoras de uma sociedade machista. Aquelas fotos mostravam isso. Os espaços nelas ocupados traduziam poder e submissão.

Há quem pense que Júlia viu na foto além do que realmente estava ali. Que fizera uma interpretação equivocada e precipitada. Mas, convido-as a responder às seguintes perguntas e ver se suas respostas têm fundamento: Qual é o gozo estético da distinção de gênero traduzida nas posições ocupadas naquelas fotos? Qual o fundamento ético da discriminação?

Na diferenciação entre meninos e meninas, só há gozo estético para aqueles e aquelas que defendem a ideologia machista, cujo fundamento é a ética do patriarcado. Pois, fora disso, não há ética nem beleza na discriminação entre meninos e meninas.

Isoladamente, aquelas fotos não querem dizer muita coisa, mas se observarmos o contexto em que estamos inseridos, veremos facilmente que a educação de nossas crianças é muitas vezes reprodutora da ideologia machista. Meninos são desencorajados a participarem de brincadeiras historicamente atribuídas às meninas – como brincar de bonecas – e as meninas são desencorajadas a participarem de atividades historicamente atribuídas aos meninos – como brincar de carrinhos. E, através dessa educação discriminatória, aos poucos as crianças vão internalizando um vocabulário classificatório que delimita:

“isso é de menina!”, separando do que seria de menino e vice-versa. E assim vão se repelindo de participarem de brincadeiras conjuntas e internalizando que meninos e meninas não podem ocupar os mesmos espaços.

Observando simples brincadeiras de crianças, não parece real que as situações revelam a presença da ideologia machista. Mas, se atentarmos mais proficuamente, veremos que essas brincadeiras instituem valores e limitam o espaço do homem e da mulher através de uma demarcação de gênero, embora a submissão da mulher aos homens não seja perceptível na brincadeira em si. Tal submissão só aparecerá mais tarde, na fase adulta, quando percebemos que, na verdade, as mulheres são educadas a partir de uma ideologia machista para servir docilmente aos homens e para serem agradáveis e belas. É por isso que nossos brinquedos são casinhas, bonecas e maquiagem, enquanto as brincadeiras deles geralmente são jogos, carros e aventuras. A educação em uma sociedade machista não é outra coisa senão também machista.

Não tenhamos medo da palavra machismo, como se ela fosse um xingamento, porque apenas traduz nossos comportamentos quando implícita ou explicitamente mostramos que entendemos ser os homens superiores às mulheres e que estas devem estar a serviço deles. Superioridade e inferioridade são nomes relacionais e só existem enquanto instrumentos de comparação e medida.

Apenas quem atenta a essas demarcações de gênero consegue verificar na experiência cotidiana o quanto as mulheres são inferiorizadas diante dos homens e o quanto nos ensinam a sermos submissas.

Pensando sobre essas questões de gênero e despertada pela leitura das fotos, Júlia viu passar em sua mente flashes de experiências vividas por ela na época escolar. Lembrou-se de um momento muito marcante, do dia em que a professora montou um salão de beleza na sua classe, e começaram a brincar. A garota lembrou-se de que não queria brincar de se embelezar. Afinal, não gostava de passar em seu rosto aquelas maquiagens grudentas, muito menos de ter seus cabelos cacheados sendo penteados. Doía desembaraçar o cabelo, que era naturalmente embaraçado. Contudo, a professora tentou convencê-la a participar da brincadeira de embelezamento, dizendo que ela precisava ficar bonita. E Júlia caiu aos prantos quando viu suas coleguinhas chamarem-na de cabelo de bucha, de feia e começaram a rir dela. Sentiu uma imensa vontade de sair correndo daquele lugar, mas não podia. A jovem tentou lembrar-se do que faziam os meninos enquanto as meninas se embelezavam, todavia não conseguiu. Provavelmente os meninos não participaram do embelezamento, porque se estivessem participado, Júlia se lembraria. Eles deveriam estar brincando de carrinhos ou algo igualmente interessante.

Mas, ousou-me a perguntar: essas separações de comportamentos são mesmo necessárias? Em que sentido meninos e meninas precisam se diferenciar com relação aos cuidados que precisam ter com a aparência? Não estou questionando as distinções nas roupas e acessórios que comumente demarcam cada gênero, nem muito menos sugerindo que um menino use batom vermelho! Proponho sim que nos atentemos à ideologia machista implícita nas demarcações de comportamentos instituídas pela educação escolar (e também pela educação familiar) que, ao separar continuamente meninos e meninas traduz na diferenciação o sentimento de submissão. Meninas precisam estar belas para serem agradáveis aos meninos.

Na brincadeira do salão de beleza da escola de Júlia é enfatizado que cabe às meninas serem belas e bem cuidadas, por isso a indústria cultural inventou que para estarmos belas precisamos de intervenções nas sobrancelhas, na parte inferior dos olhos, acima dos olhos e abaixo das sobrancelhas, nos cílios, na boca e em toda pele do rosto, utilizando para isso, no mínimo, sete produtos diferentes! Sei que algumas de vocês pararam para contar quantas intervenções fazemos cotidianamente para nos tornarmos mais bonitas e aceitáveis e viram que o que eu escrevo se refere apenas a uma arrumação básica: delineador de sobrancelhas, lápis de olho, sombra, rímel, batom e pó são apenas produtos de um kit mínimo de cuidados femininos. Sem falar nos demais acessórios,

roupas e outros produtos que utilizamos no resto do corpo e no cabelo.

Embora saibamos que cuidados estéticos sejam imprescindíveis para ambos os gêneros, para a mulher não ser bela e atraente é não ser escolhida e "sobrar" na "prateleira do amor". E essa situação não se repete com os homens. De acordo com Valeska Zanello, a pressão exercida sobre o gênero feminino para que se encaixe em padrões estéticos pode causar grandes danos à saúde mental das mulheres, uma vez que somos ensinadas a receber de um homem a validação da nossa subjetividade feminina (ZANELLO, 2018). Assim, a mulher que não se casa e nem procria é marginalizada na sua condição de sujeito e na sua condição de gênero feminino. Causa estranheza aos olhares alheios e suscita julgamentos perversos o fato de uma mulher morar sozinha e/ou não querer ter filhos e filhas. Quando uma mulher assume-se dona do seu próprio corpo, ela ignora as pressões da sociedade machista.

Atenta a estas questões da diferenciação dos gêneros e das relações de poder e submissão implícitas, Júlia cuidou de não educar Tom através de uma ideologia machista e aprendeu a reagir a algumas situações, como a descrita a seguir.

Outro dia a professora do Tom mandou o seguinte recado, via grupo em aplicativo de mensagens: "os meninos devem trazer carrinhos para a escola; e as

meninas, bonecas". Júlia, que sempre fora um ponto fora da curva, e era chamada de "menina macho" por gostar de brincar de bola e carrinho, mesmo adulta, não perdeu o seu espírito revolucionário e questionou se podia mandar bonecos para o seu filho, justificando que também gostava de inculcar nele a necessidade de cuidar dos outros (uma vez que é essa a ideia contida no brincar de boneca e de casinha). A professora respondeu que sim, com certeza. No entanto, mandou um recado no dia seguinte: "favor mandar carrinhos para o seu filho porque ele fica querendo o carrinho dos colegas e se chateia quando não tem carrinhos para brincar". Mas me questiono: será que se o Tom estivesse chateado por não ter bonecas e casinhas para brincar, ela mandaria esse recado para Júlia? "Favor mandar bonecas e casinhas para o seu filho brincar, porque ele fica querendo as bonecas e casinhas das colegas e se chateia quando não as têm para brincar". Acho difícil que a professora mandasse um recado desses! E o motivo da ausência desse recado não seria exatamente porque ele não tivesse vontade de brincar com brinquedos "das meninas", uma vez que a preferência por brinquedos não é uma característica inata. Assim, não é inato que meninas gostem de bonecas e casinhas, mas é certo que somos ensinadas a gostar de tais brinquedos, como forma de preparação para a vida futura, em que bonecas serão crianças e as casas serão reais e precisarão ser cuidadas sob a nossa responsabilidade.

Essa ideia de que cabe às meninas o cuidar, seja da casa ou de pessoas incapazes, começa no seio familiar, consolida-se na escola e, conseqüentemente, é largamente difundida na sociedade e pode ser expressa a partir de diversas ideias presentes nas nossas experiências. A visão de que homens são bagunceiros e de que casa onde só moram homens é desarrumada é um exemplo que mostra o quanto é atribuído às mulheres o papel de servir aos homens. Outra ideia que demonstra que o papel de cuidadoras e prestadoras de serviços cabe às mulheres são algumas justificativas dadas por grávidas, para o fato de ansiarem por meninas. Geralmente, preferem meninas porque querem alguém que cuide delas quando ficarem incapazes ou porque para elas é mais prazeroso ter uma menina pelo fato de que é possível colocar em prática o embonecamento: “enfeitar”, colocar vestidos bonitos, tiaras, arrumar os cabelos e deixá-las lindas.

Implícito ao fato de embonecar as meninas está um gozo estético que acompanha culturalmente a presença da mulher e delinea as características do feminino. Mas, para que enfeitar tanto as mulheres? Os bebês são muito parecidos e não são claras as distinções de sexo. Quantas vezes já não erramos ao questionar uma pessoa que está com um bebê: “é menino”? Quando é menina e vice-versa. O que distingue mais claramente os bebês são as marcas de gênero que cunhamos desde cedo, enfeitando principalmente as meninas para serem belas e

encantadoras. E desde muito cedo é necessário demarcar bem quem é o quê. Quem pode o quê. Quem faz o quê. A meu ver, o objetivo dessas demarcações é estabelecer a superioridade dos homens sobre as mulheres. Porque implícito ao fato de "embonecar" as meninas está a ideologia machista de que precisamos ser belas e arrumadas para sermos aceitas em um mundo dominado pelos homens, que nos veem em sua maioria apenas como seres úteis para o seu gozo. E qualquer pessoa que consiga olhar mais criticamente ao seu redor e para a história perceberá que o machismo realmente existe.

A partir da demarcação dos comportamentos do que cabe aos meninos e às meninas, ensinamos que para manter a *pseudo* "ordem natural" da sociedade é preciso não se esquecer de que homens e mulheres são bem diferentes. E a partir da diferenciação distinguimos quem manda e quem obedece. Quem está a serviço de quem. Dito de outra forma, mas traduzindo a mesma ideia, o que as pessoas conservadoras (que sustentam o regime do patriarcado) querem nos avisar é que tenhamos cuidado ao ensinar que deve haver igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, uma vez que isso abala o sistema e traz uma nova organização social em que as dominadas podem passar a querer dominar. Mas, o que muitos não entendem, ou não querem entender é que o feminismo não busca a supremacia feminina e a subjugação masculina. Apenas

lutamos pelo equilíbrio das forças femininas e masculinas,
em que uma não subjogue a outra.



II

O que querem das mulheres

Ainda não é fácil ser mulher. Digo ainda, porque, mesmo diante de tantas conquistas, ser mulher continua sendo um grande desafio no século XXI. Agora podemos votar³, ter posse de terra e até abrir conta no banco sem permissão dos maridos⁴. Mas, será que continuamos a existir para atender as expectativas masculinas? O que eles querem das mulheres? Esperam de nós, além dos serviços de mães e esposas, que trabalhemos e sustentemos a casa.

³No Brasil, isso só foi possível após 1932, graças ao movimento sufragista.

⁴Constituição de 1988.

E ainda precisamos ter tempo para cuidar da nossa aparência para sermos agradáveis e belas.

Ter beleza que agrade aos olhos abre muitas portas para a mulher. Vivemos constantes paradoxos para satisfazer as expectativas de uma sociedade machista. Esperam de nós pureza, mas tudo o que querem é a nossa lascívia, ao mesmo tempo em que podam a manifestação do nosso tesão e as variantes do nosso desejo. Por isso esperam de uma mulher, para chamar de sua, recato e modéstia, embora em muitos grupos masculinos, o assunto que mais diverte seja a exploração de imagens de corpos femininos nus, valorados pelo tamanho de bundas e peitos.

A história de Andreia revela bem o paradoxo vivido por muitas mulheres. Casou-se aos vinte e três anos e sempre foi uma mulher modesta e recatada. Mãe de uma menina, que exercia profissão de contadora e trabalhava como secretária em um escritório de contabilidade em meio período. Tinha uma vida corrida e se desdobrava para dar conta de ser uma boa mãe, esposa e profissional. Casada há sete anos, começou a perceber o desinteresse sexual do esposo, fato que a deprimiu muito porque sentia que o problema estava nela, que não conseguia se fazer interessante para o marido. Talvez tivesse engordado muito, ou tivesse falhado nos cuidados com a aparência. Por conta do mal-estar psicológico, resolveu procurar terapia com uma sexóloga para tentar amenizar os problemas.

A terapeuta falou algo que a deixou desconcertada. Disse que toda mulher tem um pouco de santa e um pouco de puta. Aquilo para ela foi revelador. Andreia parou para pensar como é viver neste paradoxo. O que ela quis dizer com aquilo? Será que os homens vivem paradoxos parecidos? São santos e são putos? Ou a eles é permitido serem putos? Ou melhor, este adjetivo é atribuído aos homens ou só às mulheres?! Andreia conclui que nunca ouviu um homem ser chamado de puto, enquanto já havia ouvido muitas mulheres serem tachadas de putas. Mas a ela não cabia aquele nome, que a terapeuta parecia querer mostrar ser uma qualidade. Ser puta? Ela jamais se imaginou naquela condição.

Foi então que Andreia resolveu pensar mais sobre o assunto e assim chegou à conclusão de que existem três tipos de putas: Aquelas que não fazem discriminação de pessoas e precisam de clientes que paguem pelo sexo; as que fazem muito sexo, com muitas pessoas diferentes, que são selecionadas por elas para fins de autossatisfação sexual; e as putas que é uma mulher de atitude frente a sua sexualidade, que apenas se entregam para homens com os quais tenha um relacionamento afetivo.

Em novas sessões de terapia Andreia descobriu aos poucos que, ao dizer a palavra puta e ao fazê-la pensar sobre o assunto, a terapeuta objetivava despertá-la para a conscientização da potencialidade sexual existente em todo ser humano, independente do sexo. Andreia deixou

fluir seus instintos naturais de fêmea proativa e, ao invés de procurar apenas satisfazer o outro, viu na busca da autossatisfação fluir uma relação sexual que despertou o interesse do marido, ao mesmo tempo em que contemplou os interesses dela.

Ao utilizar a palavra aparentemente grosseira – puta – a terapeuta queria despertar Andreia para a condição de gênero que reprime a sexualidade feminina, quando rotula pejorativamente o comportamento sexual proativo das mulheres.

Na contemporaneidade as mulheres se empoderaram e têm atitude na paquera, mesmo ainda sendo malvistas na sociedade, uma vez que continua sendo atribuído ao homem o papel de iniciar um relacionamento. A nomenclatura utilizada para mulheres que têm atitudes é “atirada”, ou “periguete”, termo cunhado mais recentemente devido tratar-se de mulheres que estão a perigo e quem tiver o "seu homem" que o segure, senão eles alcançarão as periguetes.

Todos os três tipos de putas pensados por Andreia são malvistas na sociedade, porém é o segundo tipo que sofre mais retaliações. À mulher não é permitido o prazer pelo prazer, como é permitido aos homens, por isso camuflamos nossa sexualidade e nos dissimulamos no aspecto virginal, pois dessa forma conseguimos ser escolhidas por um homem enquanto uma mulher para ser chamada de sua.

Vale ressaltar que a sexualidade feminina é algo que precisa ser visto sem os tabus ideológicos impostos pelo patriarcado, uma vez que deixar fluir naturalmente a nossa sexualidade inerente é uma forma de empoderamento.

No entanto, muitas mulheres achando ser uma forma de empoderamento, exibem seus corpos seminus nas mais variadas redes sociais e fazem do seu corpo um objeto de desejo. Mas, ao se tratarem apenas como objetos de prazer, sustentam ainda mais o machismo, que trata o corpo da mulher de forma hipersexualizada.

Na sociedade machista o corpo da mulher é vendido e aparece em muitas propagandas associados aos produtos expostos. Destarte, o corpo de um ser humano é sempre o corpo de alguém e nunca o corpo de ninguém, nem muito menos uma carne banal. Por isso é necessário saber dosar na exposição pública desta sexualidade. Enquanto determinados apagamentos da potencialidade sexual feminina podem ser danosos, a hipersexualização e exposição pública da sexualidade também não devem ser uma bandeira da luta feminista, pois a hipersexualização é uma armadilha.

A mesma lógica machista que enaltece a sexualidade feminina vulgariza e menospreza as mulheres e ainda promove a responsabilização da mulher quando acontece algum acidente de percurso, a exemplo de uma gravidez indesejada ou de contrair uma doença sexualmente transmissível. A cultura machista atribui a culpa à mulher.

“Foi ela quem deu”, dizem as más línguas. Culpam-nos até por nos matarem!

O feminicídio no Brasil ocupa o 5º lugar no ranking mundial⁵. Aqui, 13 mulheres morrem por dia, vítimas de homens que, em sua maioria, são seus companheiros ou ex-companheiros⁶. No entanto, já ouvi pessoas responsabilizarem as mulheres porque se envolveram com assassinos (como se viessem com o registro na testa: sou assassino) ou por terem sido vítimas de estupro, argumentando que a culpa é da mulher que se vestiu indecentemente, e provocou os homens e porque não soube escolher bem os parceiros, ou por estar no lugar errado e na hora errada.

Não precisamos nos esconder para não sermos caçadas! Precisamos é deslegitimar a cultura da caça e do caçador. A cultura da culpabilização da mulher pelos nossos infortúnios de gênero precisa ser rompida, pois precisamos responsabilizar os verdadeiros responsáveis pela maioria dos problemas que enfrentamos e nos assumamos enquanto aquilo que somos: mulheres.

Chamo de infortúnios de gênero o conjunto de situações desfavoráveis que são impostas às mulheres pelo simples

⁵Disponível em: <https://bandnewsfmrio.com.br/editorias-detahes/brasil-ocupa-5o-lugar-no-ranking-mundial-de-v>. Acesso em: 20/01/2020.

⁶Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/11/estudo-diz-que-brasil-tem-em-media-13-mulheres-assassinadas-por-dia.html>. Acesso em: 20/01/2020.

fato de sermos mulheres. Essas situações não se repetem com os homens e são observáveis a partir dos fatos que mostram: a quantidade mulheres que são mortas porque rejeitaram um homem, foram estupradas ou porque tiveram um aborto; o fato de que, mesmo exercendo as mesmas funções muitas mulheres recebem menores salários do que os homens; a pouca presença feminina em cargos de liderança e na política, dentre outras situações.

A culpa desses infortúnios sofridos pelas mulheres é essencialmente da cultura machista sob a qual estamos imersas. O fato de sermos mulheres não deve ser um indicativo de que devemos sofrer esses infortúnios, ou para fugir deles, acatarmos a dominação patriarcal e nos submetemos ao machismo vigente.

Precisamos nos assumir enquanto mulheres e se assumir enquanto mulher é trazer para nós o poder que nos faça dar um grande passo, a fim de que, ao invés de nos questionarmos sobre o que querem das mulheres, passemos a considerar o que nós queremos de nós mesmas.

O padrão comportamental de docilidade e servidão não tem mais cabido à vida de muitas mulheres. Dessa maneira, cabe-nos refletir e atentar para as marcas de gênero que nos são impostas, assim como sobre a responsabilização que cai constantemente e injustamente em nossas costas. É preciso formarmos uma contracorrente de resistência visando chegar a um equilíbrio entre as forças masculinas e femininas.



III

As mulheres e o trabalho invisível

O trabalho é a manifestação da atividade humana na ocupação de determinados espaços. No entanto, mesmo sendo perceptíveis os espaços ocupados por mulheres, nem sempre os trabalhos que desenvolvemos nestes espaços são reconhecidos enquanto trabalhos.

Salas de espera de consultórios médicos e odontológicos, clubes, parques e escolas são espaços ocupados majoritariamente por mulheres em acompanhamento das suas crias. Mas esses trabalhos são na maioria das vezes invisibilizados ou não reconhecidos

enquanto atividades laborais que ocupam muito tempo e espaço na agenda de uma mulher e ainda consomem bastante sua energia.

Os trabalhos que uma mãe desenvolve, geralmente são invisibilizados. Isso significa que muitas vezes, esses trabalhos não são reconhecidos enquanto trabalhos, mas apenas enquanto expressão da natureza maternal. Levar os filhos e filhas aos profissionais de saúde, dentistas, psicólogas, para cortar os cabelos, fazer trabalhos nas casas dos coleguinhas, aos cursinhos e apresentações, para comprar roupas e acessórios e para fazerem esportes e participarem de festas são alguns dos muitos trabalhos desenvolvidos em sua maioria, por mulheres e que às vezes não chegam a ser percebidos (nem por elas!) enquanto trabalhos, mas como um inexorável papel de mãe.

Ensinar as filhas e os filhos a andarem de bicicleta, patins... Levar à natação. Estarmos atentas ao que assistem, veem e falam. Resolver conflitos... Tudo isso nos nossos horários de intervalos e folgas porque, geralmente, também temos um emprego para pagar as contas da casa. Mas, os nossos horários de intervalo também são puro trabalho e labor, pois, além de tudo isso, às vezes ainda precisamos dar conta da limpeza e organização da casa.

Mesmo desenvolvendo tantas atividades não é incomum que muitas donas de casa e mães dedicadas ao

fatigante trabalho de cuidar de crianças já tenham sido julgadas por pessoas que exclamaram o que pensam:

– Mas, você não faz nada!

Muitos não veem o quanto é feito diariamente, anos afins... E muitas atividades e trabalhos árduos desenvolvidos por muitas mulheres, sobrecarregam-nas e podem desenvolver graves problema de saúde física e mental graças à sobrecarga de trabalho que desenvolvem.

Trabalhos aparentemente simples, como levar as crianças a uma consulta médica, a bem da verdade não é nada simples, nem fácil. Relato a seguir um pouco do trabalho invisível desenvolvido por Cristina.

Cristina levou os filhos Bruno e Felipe à dermatologista, pois tinham surgido pequenas manchas brancas na pele de ambos. Antes disso ela havia solicitado ao pai das crianças que as levasse, porque naquela semana estaria com muitas atividades profissionais para desenvolver. Mas ele não achou necessária uma consulta médica por conta do aparecimento de pequenas manchas na pele, o que fez Cristina cancelar alguns dos seus compromissos para conseguir levar os filhos à médica.

Aguardaram na sala de espera por mais de uma hora. Tempo esse que não transcorreu tranquilamente. Bruno, de 3 anos, subia constantemente no colo de Cristina, às vezes machucando-a enquanto ela tentava encontrar as carteirinhas do plano de saúde em uma carteira abarrotada de coisas. Ele subiu mais uma vez no colo da mãe e ficou

em pé, colocou a mão dentro da blusa dela e pegou no peito. Ela tirou a mão do filho de dentro da blusa, respirou fundo e olhou em volta. Todos na sala a estavam encarando. Há um custo emocional em tudo isso, pois é um fator gerador de grande estresse. Mesmo repreendendo Bruno por diversas vezes, por ficar subindo no colo dela e descendo, o menino ignorava Cristina. O garoto começou a gritar:

– Quero biscoito, biscoito, biscoito!

Ela respondeu:

– Bruno, eu já ouvi. Você está com a "barriga cheia", porque acabou de almoçar!

De nada adiantou a explicação. Ele foi lá e abriu o pote de vidros com biscoitos, que estava sobre a bancada na clínica e quase o derrubou. Ufa! Que susto! A mãe saltou rapidamente e conseguiu aparar o vaso antes dele cair no chão. Ela ainda nem se recuperara do susto e teve que interromper a reelaboração da calma porque o filho grande, que aparentava uns 9 anos, ligou um jogo no celular com o volume muito alto, incomodando as pessoas na sala de espera. Mais uma vez, repreensão. Agora, acompanhada de conflito porque o filho tenta argumentar que o volume não está alto e que só consegue jogar assim. A autoridade da mãe fica abalada, e todos os presentes na sala continuam olhando para ela, como que esperando o desfecho. Cristina tinha que agir e tomou o celular. Paralelo a isso tudo, pasmem! Ela ainda estava falando por

telefone com os atendentes do plano de saúde, pois não conseguiu achar umas das carteirinhas do seu plano. Várias vezes precisou interromper a fala com os atendentes, que iam transferindo a ligação, para conter o comportamento dos filhos.

Ao ver o estresse de Cristina, uma senhora que também aguardava na sala de espera olhou para ela com um olhar maternal e disse:

– Não se estressa, não. Crianças são assim mesmo. Já passei por muitos apereios quando meus filhos eram crianças, pois sempre era eu quem os trazia para as consultas.

Nesse instante, interrompeu a filha da senhora, uma jovem que aparentava ter menos de 20 anos e não parava de teclar no celular, nem enquanto falava conosco:

– Êita, mãe! Eu nem dava trabalho!

Falou, sorrindo.

A mãe concluiu:

– Deu e ainda dá (risos). Continuo te trazendo às consultas. Só eu sei o que passei com você e seus três irmãos pequenos, Ana. Ser mãe é muito difícil.

Naquele dia, antes de Cristina e as crianças voltarem para casa, com certeza ela ainda enfrentou alguns desafios. Quem nunca teve uma experiência como essa consegue entender agora que não é simplesmente uma ida a uma consulta médica? Cuidar de crianças é uma das tarefas mais complexas que um ser humano precisa executar e por

isso a tarefa do cuidado, precisa ser compartilhada com outras pessoas. Esse trabalho não é exclusivo de um gênero específico. Assim, não cabem apenas às mães e mulheres as tantas tarefas que envolvem o cuidado com as crianças. Mas esse trabalho, que costuma ser desenvolvido principalmente pelas mães, é corriqueiramente menosprezado, haja vista ser muitas vezes invisibilizado enquanto um trabalho. Tentam inculcar na cabeça das meninas, desde a tenra infância, quando lhes ensinam cuidar de bonecas, que cuidar de crianças é uma forma de ser mulher, e que, portanto, é um trabalho do qual não poderíamos nos alienar sem perder a nossa natureza feminina. E assim nos condicionamos a alguns automatismos alienantes que não nos fazem questionar se realmente cabe exclusivamente às mulheres o cuidado das crianças e também de idosos.

Além do cuidado com crianças e idosos, muitas mulheres desenvolvem outros trabalhos duros, que também são na maioria das vezes invisibilizados ou menosprezados. Salvar a memória da família por meio da seleção, impressão e arquivamento de milhares de fotos e vídeos é um exemplo de trabalho que muitas vezes não é reconhecido enquanto atividade laboral, mas que requer muito investimento de tempo e energia psíquica.

Outra tarefa geralmente atribuída às mulheres é a de resolver os tantos problemas que surgem dentro de uma casa, trabalho poeticamente chamado de "administração

do lar". Além de detectar os problemas e traçar um plano de como resolvê-los, ainda nos dizem que temos que saber como falar com os homens para convencê-los a colaborar, caso contrário eles não "ajudarão".

– Mas, eu já ajudo tanto!

Dizem alguns.

Para eles, é ajuda o que deveria ser um dever: compartilhar de forma equilibrada os muitos trabalhos decorrentes da existência de uma família. No entanto, se pensam assim é porque foram ensinados a reproduzir os comportamentos que assistiam nas suas casas e internalizavam a cultura machista que é expressada também através de algumas músicas, filmes, novelas e livros.

Na família de Cristina, o esposo dela trabalha oito horas por dia em uma empresa e tem duas horas de descanso para o almoço. Ele também aproveita as noites para descansar. Já Cristina não tem a mesma sorte, ela trabalha como revisora de textos e aproveita o horário em que as crianças estão na escola, às tardes, para desenvolver a sua atividade profissional. Nas outras doze horas de vigília, ela está trabalhando continuamente com diversas outras atividades que julgam ser papéis de uma dona de casa. Assim, o único momento que Cristina tem de descanso é quando dorme profundamente, já tarde da noite.

Muitas mulheres carregam cargas maiores do que as que realmente conseguem carregar, sem que com isso

façam um esforço excomunal. Existem claros desequilíbrios entre as forças constituintes de uma relação familiar. Em se tratando de atividades domésticas, muitos homens fazem o que querem e o que podem e não o que precisam fazer, muitas vezes sob a desculpa de que não sabem realizar tais tarefas, quando sabemos que basta querer para conseguir aprender a fazer. A nós mulheres não é dada essa possibilidade de escolha, aprendemos que é nossa obrigação, independente da vontade de fazer. No entanto, se não damos o espaço para que seja ocupado por outra pessoa, será sempre nós que o ocuparemos.

Aprender a reconhecer o valor do nosso trabalho é um passo importante para que nos protejamos das sobrecargas. Tornar visível o valor do nosso trabalho é imprescindível para demarcarmos nossos limites e evitarmos possíveis explorações da nossa força de trabalho. Os limites são importantes para protegermos nossa saúde e bem-estar, não podemos nos esvaziar de nós mesmas e nos mesclarmos ao mundo familiar ao ponto de nos perdermos nele e por ele. É importante protegermos nossa individualidade e alcançarmos um equilíbrio entre o dar e o receber, pois as relações saudáveis entre as pessoas são construídas em processos equilibrados entre essas duas ações.

Não há problema em servirmos aos outros, mas precisamos estar atentas e nos analisarmos continuamente para avaliarmos até que ponto os trabalhos que desenvolvemos colaboram para o nosso bem-estar e o bem-

estar dos que amamos. Ou até que ponto alguns trabalhos que desenvolvemos são invisibilizados e menosprezados nos causando dor e sofrimento por conta das explorações inerentes às relações em desequilíbrio.



IV

As mulheres são vulneráveis?

Contrariarei aquelas que esperam uma defesa feminina de que as mulheres são sensíveis e frágeis. Fragilidade e sensibilidade não são condições da “natureza” feminina. Todo ser humano tem sensibilidade. E, quanto mais trabalhamos essa sensibilidade, mais sensibilidade, teremos. Contudo, não é possível deletar os afetos e emoções da humanidade, porque são partes constituintes do ser humano.

Embora haja quem, no discurso, defenda o velho clichê de que as mulheres são mais emotivas do que os homens,

os exames de tomografia utilizados para aferir a emotividade revelam que o homem se emociona tanto quanto a mulher. Muitos deles apenas não se permitem demonstrar porque foram ensinados que emotividade é sinônimo de fragilidade.

A fragilidade feminina é uma marca de gênero impressa pela cultura, como forma de alimentar o imaginário ideológico da superioridade dos homens sob as mulheres. Nós mulheres, não somos frágeis. Somos capazes intelectualmente e fisicamente de desenvolvermos as mesmas funções profissionais que os homens. Não quero dizer aqui que as mulheres não possam ser frágeis, difíceis e sensíveis, mas que isso não é exclusividade delas. Os homens amam, apaixonam-se, entregam-se e podem ser ainda mais fiéis que algumas mulheres. Por que então vemos e ouvimos falar muito mais no sofrimento feminino do que no masculino? Isso também é uma questão cultural e das mais complexas. Primeiro, porque os homens falam menos a respeito dos seus sentimentos, mas não porque eles tenham habilidades discursivas menores do que as femininas. Embora queiram provar que isso seja uma verdade apelando para os dados de pesquisas que mostram o fato de meninas, quando crianças, adquirirem a habilidade de falar mais rápido do que meninos, há de se mostrar facilmente que isso não é uma regra geral. O ser humano tem uma habilidade imensa de fazer generalizações. Isso ocorre graças a nossa capacidade

racional de tentar facilitar a vida e não contar sempre com tanta inconstância e instabilidade. Cada criança é em si singular, e a linguagem largamente aceita pelos pediatras é de que cada criança tem o seu tempo. Isso quer dizer que cada ser humano é único e não pode ser cravado com sua marca de gênero, de modo que seja uma condicionante das suas capacidades e incapacidades.

Em relação ao assunto do amor, homens e mulheres têm as mesmas capacidades de amar e serem amados. No entanto, ouvimos mais histórias de sofrimento feminino porque, na maioria das vezes, homens não costumam – por questão de hábito e cultura – revelar seus sentimentos por medo de aparentarem fraqueza. Ou por constrangimento e serem xingados de "cornos" ou "veados". Sim. Essas palavras precisam aparecer aqui e muitas não se assustaram ao vê-las, porque estamos acostumadas a tratar com esses termos homens que demonstram sua sensibilidade. Por isso deixamos a demonstração de sofrimento por amor para os artistas, principalmente os cantores que costumam traduzir o sentimento de dor de amor dos homens.

A sociedade também é impiedosa com os homens!

Em contraponto, a maioria das mulheres não têm medo de falar que sofrem, que amam, que querem. Humilham-se por amor e geralmente têm uma dependência afetiva por alguém. Que mulher que lê esse livro nunca passou por uma situação em que precisou pedir ou até mesmo

implorar para ser amada, cuidada e respeitada? De perguntar sobre os sentimentos do parceiro e etc. E quantos homens que também está lendo este livro jamais fizeram nada parecido?

Alguns homens se comportam como verdadeiros predadores, sempre à caça, deixando-nos ameaçadas. Qual de nós não teria medo de sair sozinha, com uma minissaia, à noite, sem o sentimento de estar sendo perseguida? Não é que o desejo sexual do homem seja mais intenso do que o das mulheres. Mulheres são seres de desejo tanto quanto os homens. A questão é que o homem desejante apresenta sinal de sua masculinidade; enquanto, para a sociedade, a mulher desejante mostra sinal de fraqueza moral, diante dos julgamentos dos olhares alheios.

Existe uma permissividade social que enaltece o homem que tem muitas aventuras sexuais, dando-lhe o título de viril e, para tentar justificar essa permissividade, recorre-se a exemplos na natureza os quais comparam o homem a animais irracionais, como o galo. O chamado "efeito galo" explicaria por que o cérebro masculino precisa de variedade. Dizem os defensores do "efeito galo" que assim como o galo, o homem foi programado para acasalar com o máximo possível de fêmeas, a fim de permitir que o sêmen se espalhe para o maior número de fêmeas possíveis. Confesso que essa é uma das explicações mais estúpidas que já ouvi! Comparar um animal irracional que não está sob o crivo da moralidade, que não é influenciado

pela cultura, nem possui sentimentos e emoções complexas como as nossas, a um animal racional é, no mínimo, estúpido.

Já ouvi também culparem a testosterona ou ainda o tamanho do hipotálamo como justificativa para a permissividade que se dá a liberdade sexual masculina. O livro *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* defende que é natural o homem ter mais interesse em sexo do que as mulheres. De acordo com ele, o centro do sexo fica no hipotálamo, que é maior nos homens. Assim, o homem teria uma entusiástica e impulsiva disposição para o sexo. Esse livro defende também que as mulheres são mais fiéis do que os homens, porque o nosso hipotálamo é menor e porque temos menos testosterona. Mas, essa relação entre as premissas e conclusão, não torna o argumento válido. Afinal, qual é a relação de necessidade que liga o tamanho do hipotálamo e a quantidade de testosterona ao maior ou menor interesse sexual? O livro não consegue estabelecer esta relação e nem tornar aceitáveis os argumentos que apresenta. Entretanto, o que vemos na realidade é mais um *best-seller* direcionado à doutrinação para a manutenção do *status quo* que sustenta a ideologia machista que permite maior liberdade sexual para os homens em detrimento da liberdade sexual das mulheres.

Nós, mulheres, na maior parte dos casos, somos policiadas e condicionadas a sermos recatadas, desde

muito cedo, quando somos constantemente repreendidas - por aquelas e aqueles que são responsáveis pela nossa educação – para que sejamos “comportadas” e fechemos as pernas e, de preferência, sentemos elegantemente de perninhas cruzadas. Desde crianças, a sexualidade feminina é reprimida. Em contrapartida, vemos constantemente, os meninos serem incentivados a observar e cativar as meninas com cordialidade e cavalheirismo. Se observarmos ao nosso redor, podemos perceber o que alguns pais e mães geralmente falam para seus filhos (meninos) quando se aproxima deles uma menina bonita. Geralmente ouço:

– Filho, olha como ela é linda! Dá um abraço nela!

Comportamentos como esses são o prelúdio da caça. Ou seja, os meninos aprendem desde cedo que precisam caçar as meninas e desenvolvem o método de bons observadores a fim de identificar aquelas para cortejar e conquistar. São orientados a estarem atentos às meninas e a reconhecerem a beleza delas, além de terem atitude na paquera. Dessa forma eles internalizam que cabe ao homem "dar em cima das mulheres". Em contraponto, não ensinamos esses comportamentos às meninas.

A maior parte das mulheres querem companheirismo e reciprocidade e não se preocupam tanto com quantidade de relacionamentos, mas sim com a qualidade. Por quê? Porque ensinamos desde cedo às meninas que é feio estar no meio de muitos meninos. E lhes ensinamos a sonhar

com o príncipe encantado que as salvará de todos os males e lhes dará um lar seguro. Enquanto isso, aos meninos são ensinados os métodos de conquista, os quais são aprimorados ao longo da vida. E, já adultos, muitos homens jogam um jogo de linguagem para alcançar seus objetivos de conquistas em que vale tudo: mentir, fingir e iludir.

E as mulheres também não fazem assim? É claro que o engano e a dissimulação são comportamentos propícios da humanidade. Já diz Nietzsche, no texto *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* – a dissimulação é a nossa principal capacidade, pois ela representa a nossa atividade racional de criar uma linguagem que consiga falar o que as coisas não são. O que falamos sobre as coisas são apenas representações, mas não expressões da verdade do que as coisas realmente são.

As mulheres também fazem o jogo da conquista, mas o diferencial aqui é a finalidade. Para alguns homens, quantidade é mais importante que qualidade. Então, precisam aprimorar suas estratégias de sedução para aumentar seu alcance de mulheres. Afinal, pensam muitos que ser capaz de ter muitas mulheres é um sinônimo de virilidade.

Mas, esse tipo de homem desenhado pela sociedade patriarcal e machista, encontra uma grande barreira no feminismo, pois as mulheres empoderadas se recusam, muitas vezes, a serem apenas mais um mero objeto de

satisfação, um meio para um fim, quando não se é um fim em si mesma. No entanto, não é incomum a frustração vivida por várias mulheres que são “vítimas” de um mesmo homem: aquele com o perfil cafaeste ou “pegador”. Esses utilizam estratégias como análise, tese e síntese.

Primeiro, se analisa a situação, o perfil, e fazem diversas leituras que darão base para a implementação do segundo passo: a tese. A tese é o julgamento que se faz: vale a pena investir porque ela cairá no jogo. Já a síntese é o resultado da união da análise com a tese para colocar o plano de conquista em ação. Então, colocam vários planos em ação para seduzir suas presas, usando as armas da persuasão apropriadas para o perfil da presa que foi traçado.

Mas, para alguns homens não basta seduzir para se obter momentos de prazer. Eles querem tornar as mulheres dependentes afetivamente, para que continuem a prestar seus serviços sexuais. Por isso, usam estratégias de controle. Forjar que se envolveram emocionalmente é uma forma de criar laços que aprisionam a presa e lhe garante exclusividade. Agora, eles começarão a querer saber aonde vamos e o que estamos fazendo. Quando lhes explicamos tudo com detalhes e lhe prestamos conta, estamos dando carta branca para sermos controladas, pois desaparecendo o mistério, desaparece o prazer na conquista. E o jogo da dominação ganha força e eles se sentirão mais seguros e investirão menos energia para manter a conquista. Assim,

o jogo é executado, mas com uma única finalidade: dominação!

Ana – aquela garota que não parava de teclar na sala de espera do consultório em que estava a Cristina – tem uma história que nos faz entender mais sobre as estratégias masculinas de conquistar uma mulher. O rapaz com quem ela tanto falava no aplicativo de mensagens chama-se Wanderson. Wanderson tinha como frase de apresentação nesse aplicativo de mensagens, a seguinte: “o rio sempre chega ao mar”. Essa frase, implicitamente, já dizia muito sobre o seu perfil. Mas a empolgação de Ana impedia de prestar atenção nos detalhes para analisar quais seriam os objetivos de Wanderson, ao puxar tanta conversa com ela. Ana dizia para Wanderson que gostava muito de conversar com ele, mas que só gostaria de ter amizade. A moça ainda estava muito magoada com o motivo do término do seu último namoro. Contudo, Wanderson utilizava várias estratégias para estar sempre falando com ela e se fazendo muito presente. Pensava ele que, dessa forma, tornaria-se imprescindível na vida dela e assim a conquistaria. Por isso o rapaz sempre mandava conteúdo que ela gostava, para mostrar o quanto ele poderia ser útil. Sabendo que ela gostava de futebol, ele se fez torcedor do mesmo time para compartilhar conteúdo com ela e demonstrar a reciprocidade.

Wanderson geralmente lhe solicitava opinião sobre o que fazer e o que não fazer. Por vezes, mandava conversas

inteiras que teve com outras pessoas, para que Ana avaliasse e lhe dessa opinião. Às vezes ele mandava conversa que tinha até mesmo com outras mulheres, o que Wanderson dizia está flertando com ele, mas que ele não sabia ao certo o que fazer. A ideia dele, na verdade, era ver se ela dava valor aos seus pedidos e fazia o que ele pedia. Se Ana lesse toda a história que ele havia encaminhado era sinal de que ela lhe dava atenção e que o rapaz, para ela, era caro, pois desprendia tempo para atender os seus pedidos. Com isso, ele percebia se era possível que aquelas conversas se tornassem algo mais íntimo.

Outra estratégia era mostrar que dava a Ana prioridade. Assim, costumava sempre deixar claro que a moça tinha sido a primeira pessoa com a qual ele havia partilhado determinada situação, a exemplo dos resultados dos seus exames clínicos ou resultados de causas que tinha na justiça. Com isso, Ana foi entendendo o quanto era importante para Wanderson e que talvez ele merecesse uma chance de ter um relacionamento sério com ela, pois parecia ser um homem que tinha muito amor para dar. Ele também contava à Ana quase tudo que lhe acontecia e assim ia criando laços e mantendo-a próxima.

Wanderson também dizia sentir saudades de Ana, ela não entendia como era possível isso, se os dois apenas se viram uma vez, na festa da sua prima. Mas, dizer que estava com saudades era uma forma dele mostrar que tinha sentimentos; também dava uma de coitado:

costumava contar histórias de que fora passado para trás a fim de suscitar a generosidade dela.

E, depois de tanto investimento, o rio chegou ao mar. Ana se viu muito envolvida com Wanderson e quando menos percebeu já estava sentindo a falta dele, caso o rapaz passasse algum dia sem procurá-la. Ele percebeu isso e passou a dar umas sumidas. O jogo da conquista pressupõe um velamento/desvelamento, são feitos alguns testes para descobrir quem está ganhando no jogo. É nessa hora que se instala o jogo do aparecer e sumir, e os testes não param até ter certeza de que estamos dominadas. Wanderson sumia, mas sempre aparecia com uma desculpa convincente e caía novamente nas graças de Ana.

Alguns meses passaram e Ana se descobriu apaixonada e dependente de Wanderson. Ela já tinha sido cativada e resolveu sair com ele. Uma, duas, três vezes... Tiveram relações sexuais, mas... foi só isso. E o que aconteceu à Ana? Foi abandonada por Wanderson, que passou a evitá-la. Ignorou suas ligações e mensagens por uma semana. Ana, desesperada, foi a procura de Wanderson pessoalmente, pois julgava que algo de ruim tinha acontecido com ele, haja vista não acreditar ser possível que alguém que trabalhara tanto para cativá-la, não a amasse de verdade. O que tinha acontecido com Wanderson? Era a pergunta que tirava o sono de Ana. Até que, numa terça-feira à tarde, ela resolveu esperar por ele na saída do trabalho, e o que viu despedaçou o seu coração. Wanderson não só estava

vivo, como parecia muito feliz. Ele saiu do prédio de mãos dadas com uma mulher elegante, conversando e sorrindo.

Foi difícil para Ana digerir tudo aquilo, mas já tinha experiência em se sentir traída e abandonada. Seu último namoro teve fim, após dois quando ela descobriu que o namorado a enganava. Dizia estar num cursinho às noites de terça e sexta, mas estava na casa de Angélica, sua outra namorada, que também não sabia da existência de Ana.

Detive-me em expor os detalhes da história de Ana, que trata de conquista e decepção, porque para muitas mulheres a conquista é a porta de entrada para ficarem cativas em um relacionamento abusivo.

Sorte de Ana ter descoberto logo que se relacionar afetivamente com Wanderson seria uma má escolha. Mas muitas mulheres só descobrem que escolheram homens errados muitos anos após se casarem. Muitas vivem relacionamentos abusivos que destroem sua autoestima e as deprimem. Dominadas e subjugadas, não têm forças e às vezes nem têm recursos para sair de determinados relacionamentos que lhes causam mal. Nesses relacionamentos, o homem exige da mulher que satisfaça suas vontades e fique a sua disposição, além de lhe prestar contas de tudo.

Em grande medida, esse comportamento dominador é tipicamente desenvolvido pelos homens, porque aprenderam que as mulheres são objetos para a sua satisfação. Homens, em sua maioria, querem domínio e

subjugação, porque pensam, em suas mentalidades machistas, que as mulheres existem para lhes servirem.

Precisamos resistir por meio da razão e trabalhar para controlar as nossas emoções, pois não somos vulneráveis nem frágeis, ao ponto de não conseguirmos resistir e enfrentarmos o sentimento de dependência afetiva. Seremos fortes quando aprendermos a devolver nossa força. E precisamos desenvolver nossa força para servirmos de contrapeso na balança da vida e, desse modo, buscar o equilíbrio entre os poderes femininos e masculinos.



V

Machismo, isso existe?

O machismo dificilmente apresentará o seu rosto sem usar máscaras. Por isso, talvez muitas de nós nunca tenhamos ouvido de uma pessoa machista a expressão que traduziria o que ela realmente pensa: "os homens são superiores às mulheres e estas devem nos servir". O machismo costuma se deixar visível através de expressões que o denotam de forma velada, de homens que, fingindo estarem sendo carinhosos, estão na verdade nos inferiorizando. Ser chamada de nomes no diminutivo, tais como coleguinha ou amiguinha, é uma forma de tratamento que em determinados contextos e advindos de

homens pode significar a expressão da concepção da nossa inferioridade diante da superioridade masculina.

Muitas pessoas que são machistas não assumem esse rótulo, mesmo tendo comportamentos que nos inferiorizam. Ao se sentirem acusadas, dirão que não são machistas porque gostam muito das mulheres. Talvez nem saibam elas que se dizer gostar muito das mulheres não é uma boa premissa para a conclusão de que não são machistas, pois gostar muito das mulheres pode significar gostar muito dos serviços prestados pelas mulheres.

De uma forma geral, a nossa cultura nos impõe a lógica machista de que as mulheres devem estar a serviço dos homens. Essa ideologia é traduzida por meio de novelas, músicas, livros, sermões de igrejas, conversas com amigos e amigas... Diversos são os exemplos reveladores de pensamentos machistas velados e desvelados, praticados até mesmo por quem não se considera machista, mas que acaba repetindo padrões sociais de machismo que foram internalizados e que se manifestam, às vezes, de forma inconsciente.

O machismo está presente nas práticas diárias e os seus signos são transpostos sob as formas mais variadas possíveis. Presenciamos comportamentos machistas em situações cotidianas, e muitas vezes nem nos damos conta de que aquilo também é expressão de machismo.

Cinthia vivenciou uma situação que relatarei a seguir, mas que, talvez, somente ela dentre todos os que estavam

presentes à festa notaram que aquilo era uma expressão de machismo. Numa tarde de domingo, Cinthia estava na casa de um casal de amigos com a família e alguns outros amigos, quando chegou a filha de uma dessas amigas – uma bela jovem de uns 23 anos – com três rapazes. A situação incomodou alguns dos que estavam ali presentes. Ela sentia os olhares inquietos em direção ao grupo que acabara de chegar. Mas, só Cinthia teve coragem e perguntou:

– Quem são eles?

A mãe da moça respondeu:

– São uns amigos dela.

Cinthia insistiu na pergunta:

– Algum deles é namorado dela?

A pergunta dela revelava o grau de estranheza que muitas pessoas sentem ao ver uma situação como aquela, corriqueira entre os homens, mas que não é comum entre as mulheres. Nenhum dos rapazes era o namorado da moça. Afinal, por que uma mulher não pode sair com vários homens, se achamos comum um homem estar em um bar, por exemplo, com várias mulheres ao seu redor? Nós mulheres temos que ficar à disposição dos homens, mas o contrário não é permitido? No fundo, pesou em Cinthia uma grande admiração sobre a moça: Que empoderamento! Eles se divertiam estando juntos, riam e conversavam empolgados.

Nessa reunião de amigas e amigos, Cinthia, entediada com a conversa machista, foi olhar as redes sociais. Ao vasculhar a página do condomínio onde morava, viu as fotos do lançamento de um novo empreendimento no Bairro. Tinham mais de 320 fotos e nelas apareciam várias imagens de homens e mulheres, grupos, casais, só homens, só mulheres. Mas uma coisa chamou a atenção dela: em algumas fotos apareciam imagens de um único homem rodeado por várias mulheres, contudo não apareciam fotos de apenas uma mulher rodeada por vários homens. Isso é sintomático. Traduzia o mesmo significado da experiência que ela acabara de vivenciar. Estranhamos quando vemos muitos homens ao redor de uma mulher, como se aquele não fosse o lugar dela. Mas o contrário é normalizado: muitas mulheres a serviço de um único homem. A lógica machista ensina que quanto mais mulheres "tenha" um homem, mais poderoso ele é. Por isso, muitos deles nos caçam e nos deixam cativas.

Naquele dia, ao voltar para casa, o filho de Cinthia, um menino de cinco anos, veio cantando uma música no carro, que muito a intrigou. Inicialmente, a mãe achou muito engraçada, mas depois despertou preocupação. A música é cantada por um menino e fala de uma menina que é toda, toda, toda perfeitinha e que dá vontade de botar ela numa caixinha. A primeira parte desse refrão da música é bonita, mas a segunda é preocupante, pois sugere a dominação excessiva de uma pessoa, ao ponto de guardá-la em uma

caixa. Implicitamente, isso sugere que mulheres são coisas que têm donos e esses donos expõem a sua vontade de prendê-las só para si. De sufocar e guardar para usar. Em outra parte da letra, o cantor repete, “ela é toda, toda, toda, toda minha!” A música dava uma ideia perigosa! Como então desconstruir a visão traduzida na música (e talvez assimilada por aquela criança), que sugere uma mulher poder estar sob a posse de um homem? Como ensinar para o menino que aquele pensamento de prender uma mulher para si, porque ela é boa demais, é um erro? Difícil dizer tudo isso a um menino de cinco anos. Melhor mesmo seria não vivermos em uma cultura machista!

A lógica machista é tão perversa, pois legitima que as mulheres devem estar a serviço dos homens ao ponto de naturalizarmos tais comportamentos e nem sequer percebemos que existe machismo em determinadas situações. Refletindo sobre esses dilemas, Cinthia se lembrou do que lhe contou uma vez a sua mãe. Ela disse que na casa dos avôs da moça, quando uma galinha era cozida, o peito e as coxas eram sempre para o seu bisavô e a família só podia almoçar quando ele chegava à mesa. As outras partes da galinha eram divididas para uma família de seis pessoas! A bisavó de Cinthia achava essa divisão justa, pois sentia que o seu bisavô estava no seu direito e nunca subverteu a ordem.

Essas situações são reveladoras de machismo, assim como muitas outras situações muito mais explícitas.

Machismo é quando defendemos implícita ou explicitamente que os homens são superiores às mulheres e que cabe a nós estarmos à disposição deles. O machismo é o fundamento da sociedade patriarcal. Alguns exemplos a seguir demonstram como o machismo é largamente aceito e instituído na nossa sociedade patriarcal.

Os últimos sobrenomes das crianças são os mesmos que os pais têm, não os que as mães têm. Nas escolas, por exemplo, denominamos de reunião de pais aquelas das quais as mães participam de forma massiva. Basta ter um homem no recinto para nos referirmos à plateia com pronomes de tratamento masculinos. Esses exemplos de machismo não são sofríveis. Mas, e aqueles que se referem a casos de preconceito e discriminação pelo fato de ser mulher num mundo dominado por homens? Os relatos seriam tantos, que não caberiam nos anais de toda a história da humanidade.

Entretanto, recorro à frieza dos dados para que nos atentemos de que o machismo é um mal a ser enfrentando. No Brasil, a presença da mulher na política é uma das mais baixas do mundo. Ocupamos o lugar 134 de 193 países pesquisados pela ONU. Somos apenas 15% de mulheres entre Deputadas (os) Federais⁷.

⁷Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/554554> - baixa-representatividade-de-brasileiras-na-politica-se-reflete-na-camara. Acesso em: 13/01/2021.

Com relação a cargos de chefia, a situação também é parecida. Apenas 13% das empresas brasileiras possuem cargos de CEO's⁸ ocupados por mulheres. Ainda mais cruel do que ocupar cargos com menos relevância do que os homens é o fato de ocuparmos os mesmos cargos e recebermos salários inferiores. De acordo com pesquisa do IBGE (2018), somos 49,8% entre professores de universidades, mas o nosso salário é 17,4% menor. Já entre médicos especialistas e advogados, as mulheres ocupam 52% dos postos de trabalho, mas a pesquisa mostra que a remuneração das mulheres é de, em média, 72% do que eles ganham!⁹

O machismo inegavelmente existe e se apresenta de diversas maneiras na sociedade. E a nossa sociedade continuará sendo prevalentemente machista se não desconstruirmos a falsa ideia de que os machos são superiores às fêmeas e que a prevalência masculina é de "ordem natural".

⁸<https://valor.globo.com/carreira/noticia/2019/10/15/apenas-13percenadas-empresas-brasileiras-tem-ceos-mulheres.ghtml>. Acesso em: 13/01/2021.

⁹Disponível em: <http://www.sjsp.org.br/noticias/mulheres-ganham-até-25-1-menos-que-os-homens-diz-ibge-5881>. Acesso em: 22/12/2019.



VI

Machismo feminino

É Corriqueiro vermos mulheres tendo comportamentos e ideias machistas. Somos fruto dessa sociedade patriarcal e muitas de nós reproduzimos em larga escala esse machismo. O pior é que, como somos nós que geralmente ficamos encarregadas da educação das crianças, muitas vezes, somos as responsáveis pela formação machista de nossos meninos e meninas. Esse é um ciclo que precisa ser quebrado!

Mesmo que pareçam inofensivas, algumas práticas e ideias reproduzem a ideologia machista. Quando uma mulher exige do homem cavalheirismo, ela estaria sendo

machista? Achar que a mala da mulher precisa ser carregada pelo homem seria machismo? O lugar cedido por um homem para uma mulher em plenas condições de saúde seria machismo? Ou uma mulher achar que é obrigação exclusiva do homem pagar as contas é ser machista? Respondo com *sim* a todas essas questões.

Exemplos como os citados acima revelam uma estrutura de poder que demarcam o espaço feminino como um espaço de fragilidade, vulnerabilidade e dependência, em comparação com o espaço masculino, que se apresenta como o lado forte e capaz de prover a segurança e o conforto. A pretensa cordialidade para com as mulheres pode ser um meio de ressaltar a nossa *pseudo* fragilidade. Mas, defendo que nós mulheres não somos frágeis. Somos extremamente capazes de fazer o que nos propusermos. Não precisamos de favores, mas de respeito. Não estou propondo a negação da existência de gentilezas e cordialidade, uma vez que esses comportamentos não são marcas de gênero. Todas e todos devemos ser gentis e cordiais uns com os outros, independente do nosso gênero.

Contudo, algumas mulheres sentem-se confortáveis em um meio machista. Para elas são os homens que precisam conquistar, ganhar, prometer e cumprir, pedir em casamento, trabalhar para pagar as contas e etc. E a mulher? Cabe a ela cuidar do seu homem e dos filhos, bem como estar ali presente, sempre. É ser o tão conhecido jargão “esteio da casa”. Isso para muitas é ser mulher. Ser

sexy, bela, dócil e útil. Nesse contexto se adaptam a sua realidade e ao seu destino que parece inexorável. Lutar pelo quê? Para quê?

– Feministas cabeludas e feias!

Gritam elas para aquelas que não se contentam com o papel de serviçais. Pois, geralmente, os homens que pagam todas as contas querem em troca submissão irrestrita e muitas vezes abusam desses seres que são sustentados por eles. Não estou justificando aqui a existência dos abusos contra as mulheres. E não estou afirmando que em todos os casos em que as mulheres sejam donas de casa seus maridos as abusem. Mas, apenas quero levar à reflexão de que a cultura do abuso contra mulheres é fruto de uma sociedade machista, muitas vezes sustentada porque grande parte das mulheres também é machista.

Fabiana fazia parte de um grupo de mulheres que morava no mesmo prédio, denominado “grupo do nhoque”. Toda quinta-feira à noite se reuniam para conversar e cozinhar. Nesse círculo de amizades, ouviu muitas histórias de vida. Uma das suas vizinhas, estava passando por dificuldade de relacionamento com o marido e contou que havia procurado terapia. Mas Fabiana se chocou ao ouvir o que a terapeuta havia aconselhado quando a sua vizinha lhe relatou a dificuldade de ser ouvida pelo marido. A terapeuta a aconselhou a fazer os pedidos dela e chamá-lo para conversar após ter feito um bom sexo. A mulher relatou isso contando vantagem,

dizendo que tinha funcionado. Fabiana conseguiu olhar mais criticamente para a situação e ver que ali estava presente um aconselhamento machista, que dizia implicitamente: não bata de frente com um homem senão você perde.

Através dessa história, percebemos que o machismo disseminado por toda a sociedade é às vezes também sustentando até por profissionais de saúde mental. Algumas mulheres, ao procurarem ajuda terapêutica para conseguirem dirimir conflitos conjugais, são muitas vezes aconselhadas a não desafiarem a pretensa autoridade masculina, a utilizarem estratégias de sedução e de manipulação e a camuflarem os conflitos para a manutenção da paz no lar.

O pensamento de que a mulher deve subjugar-se aos caprichos masculinos é disseminado também em algumas religiões as quais reforçam a ideia de que a mulher é apenas uma auxiliadora do homem; devendo, portanto, estar a serviço dele. O homem é quem faz e a mulher só ajuda no empreendimento masculino, pois ela não tem empreendimentos. Isso é o que imprimem implicitamente em nossas mentes. Muitas mulheres parecem confortáveis em cumprir o papel de auxiliadora do homem. Mas, às vezes, precisam nutrir o machismo para sustentarem que o seu mundo é coerente, ou até mesmo para suprimirem a dor que sublimaram por sofrerem com o machismo.

Fabiana também é fruto de uma educação machista. Ela relatou uma certa vez que, em diversos momentos, estava limpando a casa com as irmãs quando os irmãos (homens) chegavam e pisoteavam tudo, ignorando o trabalho delas. As jovens, por sua vez, reivindicaram a ajuda da mãe para que seus esforços fossem respeitados, mas não eram levadas a sério. As reivindicações não pareciam justas. Nessa mesma família, as meninas faziam as refeições na cozinha, enquanto os homens da casa faziam-nas com o pai, na sala de jantar. E, curiosamente, mesmo sofrendo com essas ações, algumas das irmãs de Fabiana criaram homens machistas quando se tornaram mães. O machismo dessas mães era expresso em frases como: “ele é um dominado”, referindo-se raivosamente aos filhos quando percebiam que eles estavam apaixonados por alguma mulher e queriam agradá-las, antes mesmo de serem agradados.

Mesmo sendo criada nesse mesmo contexto familiar, Fabiana não era machista. Quando se tornou adulta as suas escolhas a fizeram ter um pensamento mais amplo e crítico. Ela se formou em Ciências Sociais e, enquanto docente e mãe, atuava para romper esse círculo vicioso que é o machismo. Fabiana se policiava para não educar a partir de uma ideologia machista, pois pessoas machistas geralmente educam crianças para serem machistas.

E é nesse contexto de educação que muitas pessoas incentivam as mulheres a se casarem com homens ricos. É

inaceitável para muitos pais e mães que suas filhas casem com homens pobres. Muitas mulheres veem no poder aquisitivo e patrimonial de um homem os verdadeiros motivos para assumir um relacionamento sério e, para alcançar seus objetivos, encantam e seduzem. Esses supostos poderes femininos de sedução e de conquista de espaços e coisas por meio da sexualidade causam inveja em alguns homens. Eles acham um meio fácil de conseguir algo, a exemplo de uma promoção no trabalho ou da ajuda de um professor na obtenção de uma nota.

No entanto, embora pareça confortável algumas vezes, sustentar o machismo – por considerar que poderíamos obter algumas vantagens – é um erro, pois, como veremos a seguir, a dominação masculina sobre as mulheres tem inúmeros desdobramentos negativos.



VII

Masculinidade Tóxica

A masculinidade tóxica é um conceito que explica muito, porque alguns homens apresentam atitudes e ideias que têm como objetivo a dominação de uma mulher. Muitas vezes, as intenções masculinas não são conscientes, mas são fruto da ideia incutida de que os homens são superiores às mulheres e estas lhes são subordinadas. As ideias e ações da masculinidade tóxica são facilmente encontradas no contexto de um relacionamento heterossexual e contaminam o ambiente de um relacionamento saudável entre dois seres distintos e complementares: homem e mulher.

É possível identificar no comportamento do homem características que sofrem da masculinidade tóxica. Seguem algumas delas: *Mania de controle; utilização de métodos de convencimento; impaciência com as mulheres; dificuldades de compartilhar e baixa tolerância à contrariedade.*

A *mania de controle* é uma característica muito marcante da masculinidade tóxica. Alguém que sofre desse problema necessita ter controle sobre o ambiente, além de querer também controlar o outro. E alguém só se deixa ser controlado quando se considera inferior. Então, para o jogo de controle ter sucesso é necessário deixar claro quem manda e quem obedece. Assim, é muito comum a mulher assumir o papel de servir ao homem, dando-lhe, inclusive, as coisas na mão. Nós nos sentimos responsabilizadas por encontrar o que se perde dentro da casa, pois nos dizem por aí:

– Homem não acha nada!

Utilizam até a ciência para tentar nos convencer de que mulher é boa para encontrar as coisas porque temos uma visão periférica melhor e podemos ver com profundidade. E, além disso, como nos impõem o papel de administradora do lar, então temos que saber onde está tudo. Essa responsabilidade causa uma pressão mental muito grande porque estão todos da família ali, então por que só uma pessoa é a responsável por encontrar o que os outros perdem ou não encontram?! O simples exemplo da responsabilidade imposta para encontrar as coisas numa

casa denota uma forma sutil de manter o poder sobre as mulheres. Estas servem e os homens são servidos. Por isso é muito comum os homens pedirem às mulheres o que poderiam adquirir ou fazer sozinhos, como colocar o próprio prato ou pegar uma toalha antes de ir tomar banho. Contudo, eles só pedem porque têm quem dê. Fomos ensinadas a jogar esse jogo de poder e de submissão.

A necessidade de controle também é expressa quando o outro não respeita as escolhas da parceira, mas quer sempre fazer valer suas vontades, desde coisas mais simples como escolher o filme a que vão assistir, como interferir na carreira profissional da parceira e nas roupas, dando-lhe interdições (essas interdições já é tema para o próximo aspecto da masculinidade tóxica). Para estar no controle da situação, o homem que sofre de masculinidade tóxica precisa usar *métodos de convencimento* que visam a interditar as ações de uma mulher. Esses métodos variam desde a birra e a chantagem - que são formas de violência psicológica - até métodos de violência física. O que é comum em todos esses meios é a disseminação do medo. Deixamos de fazer ou fazemos isso ou aquilo por medo. O mais curioso é que nem sempre conseguimos identificar os sentimentos que nos movem, e é muito difícil admitir que se tem medo do companheiro. Se passarmos a avaliar melhor algumas situações e nos autoconhecermos,

chegaremos à conclusão de que um relacionamento abusivo é sustentado pelo medo, nem que seja da cara feia.

A birra é o método de convencimento mais comum e acontece quando a parceira faz ou quer fazer algo que o parceiro não queira. Essa é a famosa cara feia que intimida, constrange e entristece quem está por perto. O sentimento de quem sofre os efeitos de uma birra é geralmente o sentimento de culpa e responsabilização por causar momentos de convivência tão desagradáveis. Assim, a birra também é uma forma de chantagem, dentre outras.

As chantagens podem ser explícitas e implícitas. As primeiras são aquelas que mostram claramente qual é a moeda de troca. Ou seja, eu farei isso e aquilo se você fizer ou não fizer isso ou aquilo. Mas, as chantagens mais comuns são as implícitas. Não fica claro o que o outro quer em troca, porque se ficasse claro teria que se admitir que a moeda de troca pela convivência pacífica é a obediência da mulher. Por isso, o silêncio é a tônica desses estados de chantagem emocional e se configura por meio das ausências: ausência da voz e da presença. Muitos homens saem de casa e demoram a voltar e a dar notícias; outros ficam, contudo, dormem por horas, não importando se é dia ou noite. Quanto à chantagem por meio da violência, reservarei um capítulo apenas ao tópico sobre violência contra a mulher.

Há outras formas de chantagens: a pirraça e o drama. Ambas são métodos de convencimento para que a parceira

ceda às vontades do abusador que sofre de masculinidade tóxica.

A *Impaciência* com a parceira é outro fenômeno da masculinidade tóxica. O homem, por se achar superior, demonstra uma irritação incomum com relação a algumas atitudes da mulher sob a forma de impaciência, que se configura a partir de diversos aspectos, tais como: expressão de irritação através de um tom de voz firme, reclamações constantes, olhar duro e expressão irônica e pelo desconforto expresso por não querer esperar pela companheira. Assim, não é incomum que ela leve gritos por estar demorando a se arrumar para sair, ou porque mais uma vez não consegue encontrar as chaves da casa dentro da bolsa. Vivendo sob tanta pressão, não é incomum as mulheres desenvolverem doenças mentais.

A mulher que convive com um parceiro que sofre de masculinidade tóxica tem a velha sensação de estar sempre pisando em ovos. Assim, pensa duas vezes antes de exprimir alguma ideia ou fazer algo que o desagrade, por temer a reação de impaciência que tanto a machuca e reduz a sua importância. Ela tenta ser a mais rápida e eficiente possível para se sentir aprovada, pois nos ensinaram que dependemos da aprovação masculina e que não devemos contrariar os homens.

A *baixa tolerância à contrariedade* é marcante nos machos alfa que sofrem da masculinidade tóxica. Tudo precisa estar de acordo com o seu desejo e planejamento porque

não gostam de ser contrariados. E, se a mulher os contraria, eles entendem isso como um desafio a sua autoridade.

A masculinidade tóxica não costuma trazer danos ao praticante da toxidade, mas prejudica profundamente quem convive com ele. A história de Cláudia ilustra bem o sofrimento de quem convive com alguém que pratica a referida masculinidade. Casada há sete anos, ela sentia que seu casamento não ia bem. Não se sentia feliz. Embora por vezes achasse que ser feliz fosse luxo para ela. Talvez estivesse querendo demais, já que possuía o que muitas mulheres gostariam de ter: uma bela família. No entanto, Cláudia foi diagnosticada com depressão. Ela parou pra se perguntar como isso era possível, já que tinha uma vida tão equilibrada. Após muito tempo de terapia, foi entendendo que aquela Cláudia que estava doente tinha se formado na ausência da Cláudia que ela tinha silenciado.

A grande questão era: por que Cláudia silenciara? Ela demorou, mas percebeu que silenciara por medo do João Pedro, o seu esposo. Cláudia nem desconfiava que tinha medo do João, porque ele não a violentava fisicamente. O medo que tinha era de desapontá-lo! Assim, ela seguia a lógica imposta pelo marido e mantinha a casa organizada como melhor convinha ao esposo, sempre respeitando o "jeito" dele. Por isso, os horários da casa eram organizados pelo relógio dele. Se às quartas à noite era o momento de ele assistir ao futebol na TV, tudo deveria ser organizado para garantir o descanso e entretenimento do "guerreiro".

Embora tivesse outras necessidades e vontades, Cláudia sempre abria mão em prol da satisfação do esposo. Ele, percebendo o quanto a esposa era flexível, teve mais espaço para desenvolver sua masculinidade tóxica. Dava ordens e ela obedecia.

– Pegue as chaves!

– Limpa a boca da menina!

– Venha logo!

Se Cláudia reivindicasse respeito e consideração, tudo virava confusão e retaliação. João nunca admitia estar errado, nem pedia desculpas, fazia-se de vítima para não se sentir culpado. Assim, manifestavam-se as estratégias já citadas: chantagens, birras e dramas. Cláudia, sentindo-se culpada e responsável por criar mal-estar e confusão ao reclamar com o marido, aos poucos foi deixando de reivindicar respeito e espaço. Passou a ceder para agradar e sustentar uma falsa paz no lar. Mesmo assim, por vezes, João Pedro dizia que ia se divorciar. Era mais um meio de chantagear Cláudia e dissuadi-la dos seus intentos. Certa vez, ela anunciou que sairia candidata ao cargo de síndica do prédio, o marido disse que se fizesse o que dizia iria se divorciar dela. A esposa desistiu da candidatura e disse aos vizinhos que a apoiavam que ela não se sentia preparada para ocupar o cargo.

O pedido de divórcio é fortemente utilizado nessas situações de chantagem e a mulher que teme a dissolução de sua família treme frente a tal possibilidade; sendo,

portanto, capaz de ir se adaptando aos caprichos do parceiro, pedindo até desculpas sem estar errada e desistindo dos próprios projetos por estes não agradarem ao cônjuge. Com efeito, ela pensa duas vezes antes de exprimir alguma ideia ou fazer algo que o desagrade, por temer a reação de impaciência que tanto a machuca e reduz a sua importância.

Cláudia estava sempre sob tensão, pois tinha a sensação de estar continuamente pisando em ovos, graças ao temperamento explosivo do esposo, que demonstrava ser alguém muito irritadiço e impaciente. A impaciência dele com Cláudia, sempre a deixava arrasada. Era comum, quando iam sair de casa juntos, João Pedro ligar o carro enquanto Cláudia ainda estava se arrumando e ainda ficar buzinando para apressá-la.

Um homem que sofre de masculinidade tóxica tem dificuldades de compartilhar. Geralmente, ele se isola em seu mundo e espera que os outros ao redor apenas lhe sirvam. Dentro de um relacionamento, este homem tem uma grande deficiência em combinar coletivamente as tantas ações de uma convivência familiar. Ele decide as coisas sozinho e ainda quer colocar a mulher para fazer o que ele planejou. João Pedro que tinha a mania de controle, decidia as coisas sozinho e ainda colocava Cláudia para fazer o que ele planejou. Outro dia inventou de organizar uma estante de ferramentas, tarde da noite. E embora ela o alertasse que não era uma boa hora, ele obstinado,

continuou o trabalho. Mas, não sem provocá-la a ajudá-lo, com coações do tipo:

– Você quem desorganiza isso e sou eu que deve reorganizar?!

Ou, dizer claramente:

– Venha ajudar!

Ou ainda, gritar furioso:

– Vá colocando as ferramentas de volta, nesta ordem!

Nesta noite, Cláudia se recusou a obedecê-lo. Mas em retaliação, João Pedro saiu de casa e só voltou no outro dia. Pois, quem pratica a masculinidade tóxica tem baixa tolerância à contrariedade e utiliza de métodos para chantagear suas vítimas. Além disso, essas pessoas têm um forte apego aos objetos que julgam lhes pertencer. Assim, quem pratica a masculinidade tóxica, geralmente não gosta de compartilhar seus objetos. Por conta disso, Cláudia nunca podia dirigir o carro do esposo, embora ela tenha feito tanta economia para tornar possível a compra do carro.

A história de Cláudia nos traz um exemplo, que infelizmente, não é tão incomum como gostaríamos que fosse. Muitas mulheres convivem com homens que praticam a masculinidade tóxica e muitas, nem sequer percebem o que está acontecendo, até que adoecem, como aconteceu com Cláudia. A masculinidade tóxica prejudica a saúde das mulheres que convivem com este problema diariamente.

É importante frisar que o fato de existirem brigas entre um casal, não significa que o parceiro sofra de masculinidade tóxica. Para reconhecer as características da masculinidade tóxica dentro de um relacionamento é crucial prestar atenção a um conjunto de situações. Apenas quando se percebe que há um jogo constante por poder, que visa, na maioria das vezes, dominar e diminuir a força feminina é que podemos dizer que convivemos com alguém que sofre de masculinidade tóxica.

É imprescindível que determinados comportamentos danosos praticados por homens com relação às suas parceiras, sejam brecados desde o início do seu aparecimento. Entretanto, há uma grande dificuldade lógica de se entender que se vive um relacionamento abusivo, graças à masculinidade tóxica do parceiro. E isso se dá, não por falta de inteligência da mulher, mas sim, por conta da sua inteligência. A mulher, guiada pelo princípio de não contradição - aquele que diz que uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo - não consegue aceitar que alguém lhe ame e não lhe ame ao mesmo tempo. Ou que alguém lhe ame e lhe faça o mal. Ou, como aquele cara incrível que em pouco tempo estava te elogiando tanto na frente de todos, ao ponto de lhe deixar encabulada, momentos depois é grosseiro ou lhe humilha com ironias ou correções na frente de outras pessoas? Essa contradição é difícil de entender e aceitar ser real. Ainda mais porque,

quando começamos a desconfiar, o companheiro ou aquele que deveria ser um companheiro, usa de tudo para nos dissuadir e nos mostrar que estamos enganadas. E podemos ser tachadas de loucas ou histérica, ou ainda, ingratas. Por isso, muitas de nós, emudecemos.

Entretanto, o corpo pode não falar com palavras, mas nunca vai deixar de sentir, enquanto vivo estiver. Sente, sente e ressentido. E, por mais que nosso incrível cérebro consiga desenvolver mecanismos para nos defender da dor - como os esquecimentos recorrentes dos fatos acontecidos - a existência reclamará à essência, para que corriamos os rumos que estamos dando as nossas vidas.

O problema precisa ser identificado o quanto antes, porque quanto mais velhos forem os hábitos, mais difíceis será modificá-los, por já estarem arraigados. Por isso, é necessário estarmos atentas desde o início de um relacionamento e nos esforçamos para não deixarmos que maus comportamentos virem hábitos. Convenhamos que a inércia é muito mais confortável e gostosa do que o movimento e o esforço. Mas, o esforço pode salvar vidas. Por isso é importante que identifiquemos a masculinidade tóxica e lutemos juntas e juntos para que esses comportamentos tóxicos deixem de causar sofrimentos, dores e até mesmo, a morte de muitas mulheres.



VIII

A miséria espiritual masculina

Chamo de miséria espiritual, o sentimento de solidão e desamparo que muitos homens podem sentir. Embora reconheça que esse título seja forte, foi pensado intencionalmente para que reflitamos sobre a problemática masculina de existirmos numa sociedade machista.

Não apenas mulheres são vítimas do machismo. Os homens também são vitimados por este mal. Por vivermos em uma sociedade machista – aquela que ensina que homem não chora – alguns homens veem desconsideradas a sua sensibilidade, pois esta é vista como sinal de fraqueza. E por isso, desde cedo, muitos aprendem a

esconder e disfarçar sentimentos como o amor, o medo, a dor e etc. Mas, o reconhecimento da nossa capacidade sentimental é uma condição essencial para o fortalecimento da nossa humanidade. Sabendo das nossas fraquezas e aceitando nossa sombra podemos ter mais tolerância, empatia e respeito uns com os outros.

No entanto, a palavra fraqueza é talvez a mais temida para alguns homens. Eles são coagidos a todo tempo a serem fortes. As frases: “seja homem”! “seja forte”! “Está chorando como uma mulherzinha”, ecoam na *self* masculina e têm um efeito muito negativo na constituição da sua subjetividade. Ao introjetar que precisam ser fortes para garantir sua masculinidade, o “homem não chora” cria homens para insensibilidade.

Contudo, não é possível deletar os afetos e emoções da humanidade porque são partes constituintes do ser humano. Embora haja quem defenda no discurso, o velho clichê de que as mulheres são mais emotivas do que os homens, os exames de tomografia utilizados para aferir a emotividade revelam que o homem se emociona tanto quanto a mulher. Muitos deles apenas, não se permitem demonstrar porque foram ensinados que emotividade é sinônimo de fragilidade. Assim, o máximo que se pode fazer é sublimar essas emoções, reforçando o seu oposto. É por isso que imagino que os homens neguem o medo que têm de tantas coisas. Alguns deles não se permitem temer, nem internamente, nem externamente. Se admito em mim

o medo e o acolho, o medo de tornar o medo ainda maior é assolador. Então, é mais conveniente negar o temor e enganá-lo. Jamais dizer ao outro, seja ele quem for, que tem medo. Mais uma vez aqui, o medo do medo é algo que leva a sublimação do medo em nós.

Todavia, sendo o medo uma emoção tão primária e necessária a nossa própria sobrevivência, é impossível deletar de nós. Ele sempre aparecerá independente da nossa permissão. Então, não admitir o medo nem a nossa fragilidade é não nos acolhermos enquanto seres humanos capazes de sentir autoamor.

Os homens se cobram muito e cobram muito uns dos outros. E no fundo, sentem-se como se estivessem sós, abandonados à própria miséria espiritual inconsciente. Esta solidão pode vir de tempos remotos da sua infância, que graças a uma educação machista pode lhe ter sido negado o colo do pai e da mãe e o consolo, na tentativa de incutir neles a ideia de que o homem deve ser forte.

Mesmo quando adultos, podemos nos sentirmos sós, ainda que estejamos bem acompanhados, porque na nossa constituição primária, lá na primeira infância, nos faltou amor e acolhimento. Muitas pessoas descobrem isso após muitos anos terapia. Entretanto, homens raramente mergulham num profundo processo de autodescoberta, porque geralmente é nesse processo que expomos nossas fraquezas. E a última coisa que muitos homens querem é parecerem fracos. O que muitos não sabem é que, quando

expomos a nossa fraqueza, vestimos a capa da humanidade e isso abre portas para se estabelecermos laços de intimidade e reciprocidade. Quando paramos de representar e ousamos ser nós mesmos deixamos aparecer também, a vulnerabilidade e nos abrimos para o amor e o amparo.

Os homens são tão suscetíveis às falhas quanto as mulheres. Mas, talvez a falha mais temida por eles seja a falha sexual. No entanto, por mais experientes que sejam, podem ficar nervosos e intimidados na frente de uma mulher e não terem ereção. E isso não tira deles sua masculinidade. Esse exemplo, assim como outros exemplos de possíveis falhas, precisa ser reconhecido e acolhido para ajudar os homens a saírem da sua miséria espiritual, em que se veem apenas como personas, representando o tempo inteiro o papel de homem forte e viril. A sensibilidade e emotividade dos homens precisam ser valoradas. Assim, deve-se permitir ao homem, chorar. Mas por que vemos homens chorando nos marca tão profundamente?

Aline é uma adulta de 27 anos, mas ainda se lembra quando viu o seu pai chorando pela primeira vez. Ela tinha 18 anos. Quando chegou da Universidade, surpreendeu o seu pai a chorar, dentro do carro, na garagem da casa. Ela ficou muito assustada e tratou de saber o que estava acontecendo. Embora ele tenha tentado disfarçar o choro e dizer que não era nada. Ela o incentivou a soltar a emoção,

pois ela sabia que ele não estava bem por conta da falência da sua empresa. Aline nunca esquecerá esse fato, pois ficou muito espantada e profundamente consternada. Como é difícil para uma filha ver o seu pai chorar, mesmo sabendo que o choro é uma das reações mais humanas que existe! Mostra que temos sentimentos profundos, capazes de nos espremer e fazer jorrar lágrimas.

No entanto, não fomos acostumados a ver homens chorando, muito menos aqueles que idealizamos no imaginário social – refletidos nas lembranças dos dias dos pais e nos comerciais de TV – como os heróis, como se fossem além homens, super-homens. E não estamos acostumadas a ver um homem chorar. Nem na ficção, nem na realidade. Porém, o choro não é a expressão de fraqueza, mas apenas a expressão de um sentimento. Alguns homens têm inseguranças, diversas carências afetivas e grande necessidade de reconhecimento, admiração e respeito para se sentirem potentes e validados em sua masculinidade.

A miséria espiritual masculina é refletida em aspectos como os que seguem. São os homens os que mais se lançam em vícios, como o uso de drogas, os que lotam as cadeias por cometerem a maior parte dos crimes. A população carcerária brasileira é composta por 90% de homens!¹⁰ São

¹⁰Disponível em: <https://pedromaganem.jusbrasil.com.br/artigos/207122678/qual-e-a-populacao-carceraria-quantos-homens-e-quantas-mulheres-estao-presos-quantos-dos-detentos-estudam-quais-os-crimes-que-mais-pendem-vamos-aos-numeros>. Acesso em: 17/01/2020.

eles, também, aqueles que mais se matam, direta ou indiretamente. Os suicídios diretos cometidos por homens no Brasil chegam a 76% do total dos suicídios registrados¹¹. Não dá para acharmos que esses dados refletem meras coincidências.

De fato, os homens, em sua maioria, sofrem de uma miséria espiritual desde que nascem e não lhes são atribuídos o direito de serem humanos: de terem fraquezas e falharem. Por isso é necessário um olhar mais amoroso com relação a condição masculina. Mas isso não significa acariciar o ego masculino e inflá-lo e nem sustentar sua aspiração à dominação e subjugação das mulheres. A busca do equilíbrio entre as forças femininas e masculinas é o que pode salvar-nos da masculinidade tóxica.

¹¹Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/saude-e-bem-estar/homens-representam-76-dos-suicidas-do-brasil-revela-relatorio-da-oms/>. Acesso em: 19/01/2020.



IX

Dominação Masculina

Como recurso para demonstrar que são fortes, muitos homens se utilizam de diversos artifícios para dominarem o ambiente em que vivem. Defendo que alguns homens subestimam as mulheres não porque são maus (por isso nada de guerra aos homens), mas porque precisam de ajuda para superar sua masculinidade tóxica, na qual, têm a necessidade de mostrar que são superiores e, neste sentido, não admitem que as mulheres lhes pareçam superiores.

Baseados em uma cultura machista, defensores de que dominação masculina deva existir, recorrem à biologia evolutiva para tentarem justificar que a dominação do macho é natural. Assim, utilizam como principal linha de

defesa das suas ideias, aspectos da evolução do homem primitivo para o homem contemporâneo. De acordo com eles, como os homens caçavam e as mulheres ficavam com o grupo, nossos cérebros evoluíram de maneiras diferentes. No entanto, não há resultados de pesquisas largamente aceitas na comunidade científica que demonstrem que há um funcionamento cerebral tão distinto entre homens e mulheres que seja capaz de determinar o nosso comportamento em sociedade, destacando os homens como os dominadores e as mulheres como as dominadas. E não há porque recorrer a uma explicação que nos remete à era primitiva para justificar comportamentos dos homens no século XXI, assemelhando-os aos comportamentos existentes a milhares de anos atrás. Penso que de lá pra cá, evoluímos.

Outra tentativa de tentar justificar a dominação masculina utilizando a biologia é recorrer à ideia de que a presença de alguns hormônios masculinos explica a superioridade dos homens sobre as mulheres. Dizem os defensores da naturalidade do machismo que a testosterona – presente em maior quantidade na maioria os homens – é o hormônio do sucesso, da realização e da competitividade. Se desta forma fosse, os homens que têm dominado a raça humana, deveriam ter todos altas doses de testosterona. Mas, quem mediu isso? Como se chegar a essa conclusão? E as mulheres que se destacaram como lideranças, também têm uma dose adicional de testosterona? Ainda que tivesse sido testado e comprovado que pessoas que exerceram e exercem a dominação sobre outras pessoas, possuíam e possuem altas doses de

testosterona no corpo, poderíamos também concluir que outras pessoas que também testem e atestem que possuem altas doses de testosterona, também sejam pessoas de grande influência na sociedade, exercendo grande poder dominador. No entanto, tais aproximações entre a presença de testosterona e ímpeto dominador são extremamente forçadas e falaciosas, pois não é lógica a relação da testosterona com sucesso e dominação, através da suposição da existência de uma relação causal, em que a testosterona seria a causa e a dominação a consequência. Talvez fosse mais fácil comprovar a relação da testosterona com agressividade e competitividade, mas, daí justificar a dominação é forçoso, porque dominação é uma categoria social. Só existem dominadores, se existirem quem possa ser dominado. Desta forma, não podem existir dominadores inatos. Para serem dominadores precisarão de condições sociais e culturais que colaborem para a execução da dominação. E assim, cai por terra mais uma tentativa de mentes ardilosas que querem nos persuadir a pensar que a dominação masculina é da ordem da natureza e que caberia a nós, apenas, aceitá-la.

É possível que o motivo principal que faz com que alguns homens tentem dominar as mulheres, seja porque eles sentem que somos mais fortes. De fato, os poderes femininos sempre foram um mistério para os homens e isso assusta a muitos. A inquietação masculina com relação às mulheres é bem refletida na famosa indagação de Freud, dita no século XIX: "Afim, o querem as mulheres?". Somos em grande medida incompreendidas e por isso, temidas. E, por conta disso, fomos e ainda somos chamadas de bruxas e levadas à fogueira. No entanto, atualmente, ao invés de fogueiras reais,

nos jogam nas fogueiras simbólicas. Na tentativa de nos eliminar, nos queimam como histéricas, loucas e putas.

De fato, é tácito que o esforço de alguns para criar teorias medonhas da superioridade dos homens sobre as mulheres é fruto do medo do feminino. Por conta deste medo é confortável para alguns homens que as mulheres lhes sejam submissas. E, para os machistas, é sempre um desconforto muito grande, o fato de que algumas mulheres exerçam cargos de lideranças e recebam salários maiores do que os dos homens. O gênero não deve ser um fator determinante para que as pessoas sejam discriminadas no exercício de suas profissões, nem que recebam salários menores ou maiores, já que exercem a mesma função.

Mas, por que não é difícil para a mulher, o fato de os homens terem rendimentos financeiros maiores do que os dela? Porque a mulher não sofre de feminismo tóxico. Não achamos, por exemplo, que pelo fato de sermos mulheres, temos que receber maiores salários que os homens. Mas, talvez muitos homens pensem que pelo fato de serem homens, precisam ter rendimentos financeiros maiores do que as mulheres. E, quando não têm, dão um jeito de contornar a situação e continuarem no controle.

Maria de Lourdes é uma médica de 55 anos que é casada com um professor. Os rendimentos financeiros dela é cerca de seis vezes maior do que os rendimentos de seu esposo. Mas, mesmo após 33 anos de casamento, esse fato ainda é gerador de problemas conjugais. É ele quem gerencia as finanças da família e controla todos os gastos de Maria de Lourdes. Por isso, assim que ela recebe o seu salário, ela passa todo para o esposo e, para que consiga comprar algo para ela, precisa pedir autorização do esposo.

E assim como Maria de Lourdes, existem muitas mulheres que se submetem ao controle excessivo dos esposos sobre a vida financeira da mulher. Mas, precisamos lutar pela garantia do nosso espaço existencial e buscar um equilíbrio entre as forças masculina e feminina.



x

As profissões têm gênero?

O espaço profissional é um campo de disputa de gêneros. Disputa essa na qual as mulheres saem perdendo. Não seria necessário disputa nem luta por equidade, se os nossos espaços não fossem muitas vezes boicotados por alguns homens, que nos veem como intrusas e, em busca da dominação do espaço profissional, tentam nos banir dos mesmos.

Existem demarcações de gênero nas profissões. Isso significa que, implicitamente, há uma ideia cristalizada no imaginário social, que algumas profissões cabem aos homens, enquanto outras, são “coisas de mulher”. E somos desencorajadas a entrarmos em campos profissionais ocupados majoritariamente por homens, sob a desculpa de

que existem aptidões naturais que estão de acordo com a orientação de nossa estrutura física e cerebral, que diferenciam homens e mulheres, direcionando nossas escolhas profissionais de acordo com o gênero. Essas são ideias falsas, pois não conseguem sustentar a defesa das “aptidões naturais” recorrendo às comprovações científicas. O pertencimento a um determinado gênero não deve ser um condicionante para a escolha profissional, pois não há nada em nossos corpos saudáveis que nos impeçam de desenvolvermos a atividade profissional que melhor nos convir. Lugar de mulher é aonde ela quiser. Não há em nossos aspectos fisiológicos nenhuma constatação de que o pertencimento a determinado sexo condicione nossas escolhas profissionais, devido ao fato de possuímos certas habilidades inatas próprias a cada gênero.

Quando, em 1949, Simone de Beauvoir disse em *O segundo sexo*, “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, ela já nos desnaturalizou ontologicamente e desresponsabilizou a biologia pelas nossas escolhas, mostrando que valores e comportamentos são adquiridos socialmente. Então, não se dá para justificar preferências profissionais recorrendo ao inatismo.

O fato de existirem demarcações de gênero nas atividades profissionais se dá apenas por uma questão cultural da lógica machista, que delimita os espaços que as mulheres devem ocupar na sociedade, em detrimento do espaço que deve ser ocupado pelos homens. Por isso, muitas vezes, nos sentimos desestimuladas a ocupar determinadas profissões dominadas pelo público masculino. E isso nos faz desistir de algumas carreiras ocupadas majoritariamente por homens, como a Filosofia, as Engenharias e as carreiras militares e,

procuramos empregos que reservam quase que exclusivamente, às mulheres – como empregadas domésticas, cuidadoras e professoras de séries iniciais – ou, procuramos empregos em que sejamos tratadas com imparcialidade, uma vez que não haverá uma clara competição com os homens, por não serem profissões que captam o interesse de muitos, por não trazerem grandes retornos financeiros.

A demarcação de gênero presentes nas escolhas profissionais, pode ser constatado através do número de matrículas nos cursos superiores no Brasil. De acordo com dados pesquisados, utilizando como fonte, as informações do INEP¹², o curso de Pedagogia é o curso mais escolhido entre as mulheres. De todas as mulheres que fazem um curso superior no Brasil, 20% delas, cursam Pedagogia. Número muito alto, considerando que existem mais de cem cursos superiores no Brasil. Assim, são mais de 660 mil mulheres matriculadas em Pedagogia, enquanto, apenas existem pouco mais de 53 mil homens.

A ideia difundida de que cabe à mulher o cuidar é refletida nesses dados, pois os cursos com mais matrículas de mulheres são Pedagogia, seguido de Enfermagem, Serviço Social, Fisioterapia, Recursos Humanos, Nutrição, Odontologia e Medicina Veterinária. Nenhum desses cursos citados aparecem na lista dos 20 cursos de preferência masculina. Assim como nenhum destes cursos que cito a seguir, que estão presentes na lista masculina, aparecem entre as 20 preferências femininas: Engenharia Mecânica e Elétrica, Sistema de Informação, Ciência da

¹²Disponível em: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 19/01/2020.

Computação, Análise e Desenvolvimento de sistemas, Matemática e Agronomia. Estes dados deixam aparecer a concretização da ideia falsa de que alguns cursos cabem aos homens, enquanto outros, são “coisas de mulher”.

Como professora de Filosofia sempre estive em espaços profissionais dominados por homens e enfrentei ao longo da minha carreira algumas discriminações de gênero. Algumas implícitas, enquanto outras eram escandalosamente explícitas, como a que conto a seguir. Certa vez, perdi a primeira colocação em uma seleção para professora substituta de uma universidade estadual, para um homem que deu apenas 30 minutos de aula, para uma banca avaliadora composta só por homens, e deveria ter sido desclassificado. Anos mais tarde, resolvi fazer uma pesquisa sobre a presença das mulheres no âmbito da docência em Filosofia. E escolhi como campo de pesquisa o Instituto Federal de Alagoas – IFAL. O IFAL tem atualmente (2019) 16 campi e 13 deles possuem o curso médio integrado que tem a disciplina de Filosofia. Ao todo, existem 28 docentes de Filosofia. Deste quantitativo, apenas 4 são mulheres. Isso representa um percentual de 14,2% de mulheres. Ou seja, 85,8% são homens.

Continuando a análise dos dados quantitativos, resolvi buscar na análise dos dados dos concursos, respostas para as questões que surgiram em decorrência do problema geral da pesquisa. Era necessário investigar melhor: Por que as mulheres representam apenas 14% entre os professores de Filosofia do IFAL? As mulheres não concorreram ou não conseguiram ser aprovadas nos concursos? Fazendo uma média aritmética, considerando a quantidade de pessoas inscritas em todos os concursos, apenas 26,6% dos candidatos e candidatas eram do sexo feminino. Desta forma, evidencia-se a ínfima presença feminina no espaço acadêmico da

Filosofia. Mas, por que somos tão poucas na Filosofia? Senti necessidade de pesquisar sobre egressos e ingressos nos cursos de Filosofia no Brasil. De acordo com dados do INEP, os estudantes de Filosofia em 2017 eram compostos por 66,8% de homens e 33,2% de mulheres. Mas a pergunta persiste. Por que somos tão poucas na Filosofia? Haveria uma indisposição natural do feminino para o filosofar? Por que os homens procuram mais a Filosofia do que as mulheres? Ou seria melhor perguntar: por que as mulheres procuram menos a Filosofia do que os homens?

Não é difícil notar ao nosso redor, que em algumas profissões as mulheres são hostilizadas e incentivadas a desistirem de suas carreiras por acreditarem que ali não é lugar de mulher. Quando não desistimos da profissão que realmente gostaríamos de exercer, e, trabalhamos sob uma hierarquia tradicionalmente masculina, para tentarmos ser levadas à sério, nos esforçamos para disfarçar nossas características corporais que nos dão a marca de feminilidade e muitas vezes, nos masculinizamos. Às vezes, até de forma inconsciente, queremos nos assemelhar a eles para nos tornarmos respeitáveis.

A história a seguir ilustra o quanto a nossa cultura demarca as profissões de acordo com gêneros e nos ensina falsamente que algumas profissões não é “coisa de mulher”.

Thaise era uma moça de 22 anos, que sempre foi muito elogiada pela sua beleza e inteligência. Assim que terminou o Ensino Médio ela resolveu seguir a carreira de policial militar e foi aprovada logo no primeiro concurso que fez. A sua família a encorajou a seguir a profissão que escolhera, mas ela por vezes, pensou em desistir da

profissão, porque era continuamente intimidada e menosprezada pelos seus colegas. Ela, que gostava mesmo era de fazer a ronda policial, passou muitos meses fazendo trabalhos internos porque o seu superior não achava que ela tinha condições de enfrentar o que ele chamava de “trabalho pesado”. Mas, após algum tempo, ela conseguiu passar a fazer as rondas, embora muitos colegas não a quisesse na equipe, sob a justificativa irônica, de que “se o bicho pegasse”, eles não queriam ver uma mulher chorar. Com isso, expressavam que não a reconheciam como capaz de enfrentar situações típicas inerentes ao trabalho de uma policial. E quem disse que ela não seria capaz de realizar o seu trabalho? Ela sabia que poderia desenvolver o trabalho que escolheu, mas primeiro, teria que convencer as pessoas de que ele podia? As provas do concurso público ao qual ela se submeteu já não atestavam sua capacidade?

A discriminação que Thaise enfrentava não estava só restrita ao âmbito da corporação. Nada do que Thaise viu na corporação a marcou tanto, quanto uma cena que ela passou quando encontrou no supermercado uma ex-professora que ela admirava muito. Thaise estava fardada e acompanhada com seus colegas de trabalho. Estavam de saída do supermercado, quando ela avistou a ex-professora e voltou para encontrá-la. A ex-professora, nem a havia reconhecido. E com grande espanto falou:

– Não acredito que você virou policial! Eu que não deixaria minha filha andar no meio desses brutamontes!

Falou com reprovação e saiu de perto de Thaise, que ficou chocada por ouvir daquela pessoa que ele tanto admirou, uma colocação tão machista. A professora queria dizer à

Thaise que aquele não era o lugar dela. Que ela não podia estar no meio deles, pelo simples fato de ser uma mulher.

Há que ter bastante ousadia e coragem para se preencher espaços ocupados majoritariamente por homens. Para se dirigir uma viatura policial, cheia de colegas policiais e fazer abordagens; coragem para tomar a palavra numa plateia majoritariamente masculina e não se intimidar com os olhares e atropelamentos que desrespeitam o nosso direito de fala. E tantas outras coragens e desafios que enquanto mulheres, enfrentamos no nosso dia a dia. A seguir, aponto algumas situações em que me deparei com um machismo gritante que tentava me ensurdecer, ao gritar que eu estava no lugar errado.

Por vezes, ao participar de eventos científicos e filosóficos cuja plateia é quase sempre composta por mais de 70% de homens, fui interrompida por homens e tive que brigar pelo direito à fala. Ao participar de uma mesa de debates com três outros colegas doutores em Filosofia, todos homens, já fui chamada de “coleguinha” por um deles e abraçada calorosamente pelo outro, que parecia me engolir com os olhos. É no contexto da academia que muitas de nós sofremos assédios morais e sexuais e, no jogo da dominação somos continuamente silenciadas.

Como discute Limong (2018) ao contrário dos homens, nunca fomos encorajadas a autorizar nossos próprios discursos. Existindo à sombra dos homens, ousar nos rebelar é poder bancar a nossa própria fala e as suas consequências. Quando ocupamos nosso lugar de fala temos existência própria e somos pessoas – não apenas mães, esposas e filhas – vivendo à sombra da dominação masculina. É necessário que encaremos juntos e juntas a

sombra do machismo que é projetado sobre a nossa existência e construamos um equilíbrio entre as forças masculina e feminina, sem que uma precise subjugar a outra.



XI

Violência contra a mulher

Nós mulheres, somos violentadas constantemente pelo simples fato de termos nascido mulheres.

Violência é o uso de um poder sobre outrem, causando-lhe danos. Nós mulheres sofremos na pele por termos vindo ao mundo com “o segundo sexo” (BEAUVOIR, 1960). Assim, desde muito cedo, somos submetidas a imposições de gênero que determinam, por exemplo, que não podemos nos sentar de forma espontânea, com as pernas abertas, ou, brincar de dirigir carros e pilotar aviões. Aprendemos, que quando um homem fala, nós nos calamos, pois vimos constantemente as nossas mães serem

silenciadas e carregar o duro peso da submissão e da servidão.

Os danos recorrentes da existência como mulher, em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo são muitos e vão desde a esfera privada a uma esfera pública. Na esfera privada está o sofrimento decorrente do desgaste psíquico advindo do silenciamento da nossa subjetividade. Na esfera pública é visível a desigualdade de oportunidades existentes entre homens e mulheres e o alarmante dado registrado de ocorrências que tornam mensuráveis a violência sofrida pelas mulheres.

Os dados sobre feminicídio são alarmantes. De acordo com os casos registrados, a cada duas horas em nosso país, uma mulher morre, apenas, por ser mulher¹³. E, a cada quatro minutos é registrado um caso de violência contra uma mulher¹⁴. Quem acha que esses dados são irrelevantes provavelmente, também pratica violência contra uma mulher ou considera legítimo que os corpos femininos sejam tratados como propriedade. Assim vistos como propriedades, nossos corpos poderiam ser usados, ou até mesmo, agredidos por aqueles que pensam possuir domínio sobre o corpo da mulher. Por conta disso, muitas pessoas não se assustam com os dados, nem ao menos, com as realidades experienciadas. Estas, acham legítimo que um homem domine sobre as mulheres e objetifiquem nossos corpos: que nos impeçam de usar determinados

¹³Disponível em: <http://www.futura.org.br/cada-duas-horas-uma-mulher-e-assassinada-no-brasil/>. Acesso em 07/11/2019.

¹⁴Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>. Acesso em 11/11/2019.

tipos de roupas, interagir com certas pessoas, frequentar alguns lugares, exercer determinados tipos de profissões ou expressar determinados tipos de comportamentos a fim de salvaguardar a honra. A honra daqueles que nos têm como uma espécie de troféu.

Mas essa lógica violenta, que nos coloca como objetos a serviço do masculino, apresentada acima com a metáfora do troféu, não se aplica apenas às mulheres casadas. E a indústria dos cosméticos e da estética de uma forma geral, sabe explorar bem a suposta necessidade de que nós mulheres precisamos ser belas e atraentes para agradar e sermos escolhidas como troféu. Muitas de nós, investimos em beleza para capitalizar investidores e valorizar nosso objeto de troca, como que isso nos validasse enquanto mulheres e fosse capaz de nos agregar valor no mercado da submissão. Toda essa ênfase na beleza feminina é também uma forma de violência perpetrada pelo machismo, uma vez que somos adestradas a nos preocupar e a nos ocupar em agradar ao público, mesmo que isso nos sacrifique.

A violência é em grande medida, fruto da ideia de que os nossos corpos têm dono. A ideia de que as mulheres estão sob a posse dos homens é uma ideia que data de milhares de anos atrás, desde os tempos em que foi escrito o “Velho Testamento” e as mulheres apareciam lá como despojo de guerras e não tinham direitos à propriedade de terras, se tivesse algum homem na família. Vivemos há milênios em uma sociedade patriarcal em que a descendência das gerações é nomeada pelos sobrenomes paternos. Mulheres que não se casam ou não vivem na casa

dos pais são vistas socialmente como indignas, por escolherem pertencer a si próprias e morarem sozinhas. Nossas roupas e adereços suscitam julgamentos quanto a nossa honra e valor. A gravidez e a virgindade ainda alvejam as mulheres como marcas corporais que nos distinguem enquanto aceitáveis ou não aceitáveis. Esses são alguns aspectos que nos fazem concluir que a sociedade ainda acha que é dona dos nossos corpos.

Neste contexto, a temática do empoderamento feminino representa um contra discurso para deslegitimar a ideologia machista. No entanto, o tema do empoderamento feminino, quando é tratado, via de regra, não é uma pauta sugerida nem discutida sob a organização dos detentores do poder organizacional das instituições que promovem tal espaço para discussão. Geralmente, esse assunto é pautado por organizações militantes que representam determinadas categorias, como por exemplo, grêmios estudantis, associações ou ONGs que defendem os direitos das mulheres e outras instituições afins. Ainda é difícil incluir esse tema como um assunto relevante, pois é tratado muitas vezes, enquanto causador de polêmicas e por isso, é muitas vezes evitado.

Por duas vezes fui dissuadida de falar sobre empoderamento feminino. Na primeira, fui convidada pela apresentadora de um programa de uma TV local que fala sobre a temática de amor e sexo. Ela queria que eu falasse, enquanto filósofa e esposa, sobre relacionamentos conjugais. Propus, então, falar sobre empoderamento feminino. O que vocês acham que aconteceu? Ela desistiu da minha participação, sob a desculpa de que me

chamariam outro dia. A segunda tentativa foi num ambiente acadêmico. Em alusão ao dia da mulher, propus que tratássemos da temática do empoderamento feminino, mas a gestão da instituição preferiu colocar o grêmio estudantil à frente da organização da palestra, com o objetivo de se eximir da responsabilidade pois, na visão deles, o tema é polêmico.

Nos desincentivam falar sobre empoderamento feminino, mas a nossa cultura não para de incutir a violência contra a mulher, de formas diretas ou indiretas. Indiretamente, são as formas que menos percebemos. Estamos ensinando indiretamente, a violência contra a mulher, quando por exemplo, despertamos a atenção de um menino para uma menina, com uma frase do tipo: “Olha, uma menina! Como ela é linda!”. Parece que, neste momento, estamos incentivando a caça e passamos a mensagem de que as meninas estão ali para serem paqueradas, mesmos se forem crianças!

As formas diretas de propagação da violência contra a mulher, encontramos, entre outras coisas, nas músicas, jornais, telenovelas... Não assisto novelas. Na verdade, nem assisto televisão. Vejo apenas alguns noticiários, às vezes, para sair das bolhas provocados pelos algoritmos das nossas redes sociais. Mas, outro dia, enquanto eu estava no dentista, passava a reprise de uma novela na TV e uma cena me chamou a atenção. Um casal discutia por conta de ciúmes e o ator, por duas vezes, empurrou a atriz. Na primeira vez, ela caiu na cama e foi correndo atrás dele. Na segunda, ela caiu no sofá. A cena dramática e, para mim, assustadora, acabou com o ator indo embora e a atriz

chorando atrás da porta, implorando para que ele voltasse. Talvez, no passado, eu visse essa cena sem me chocar e achasse comum casais brigando na televisão. No entanto, após o contato com o feminismo, me causou repúdio a violência sofrida pela mulher. Mas você poderia questionar: violência sempre existe nas telenovelas e não é só contra a mulher. Então, por que a indignação? Respondo: Ela estava sendo empurrada e rechaçada por ciúmes, pelo seu parceiro, em que, numa clara relação de abuso de poder (uma vez que o ator era alto e musculoso e a atriz era franzina) um homem estava atentando contra uma mulher.

Mas, um machista ou uma machista de plantão poderia protestar dizendo que algumas mulheres também agridem homens por ciúmes. Devolveria a pergunta com os seguintes questionamentos: em qual proporção? Quantos homens você já ouviu falar que sofreram ou sofrem uma relação abusiva? Quantos homens foram assassinados por suas esposas porque elas se sentiram dispensáveis ou desrespeitadas? Sei que não encontrarão dados relevantes (por quantidade de ocorrências) a respeito da violência sofrida por homens e executadas por mulheres.

Está comprovado que os homens (jovens) morrem mais do que as mulheres. Mas o essencial aqui é focar na causa da morte. Morrer por ser mulher (por ciúmes, dominação, vulnerabilidade, estupro) é muito diferente do que morrer por tantos outros fatores pelos quais morrem os homens. Os motivos de suas mortes estão relacionados à imprudência pelo qual a maioria deles tocam suas vidas,

arriscando-se no trânsito, se violentando, abusando de álcool, drogas e etc.

Existem diversos tipos de violência contra a mulher, mas gostaria de enfatizar dois: violência física e psicológica. Os dados mais registrados – devido à gravidade e de ser melhor identificável – é a violência física. Mas suponho que a violência psicológica seja a mais recorrente.

Ouçõ muitos casos de violência psicológica de conhecidas e em diversos canais de comunicação que não irei detalhar aqui, pois são situações que rendem um livro inteiro. Mas ressalto que qualquer expressão que vise inferiorizar uma mulher é violência. Um sinal de que se desrespeita o outro. Dizer a uma mulher que ela está gorda, que ela não faz nada, trai-la... São apenas algumas formas de humilhação e inferiorização que provocam graves danos psíquicos.

O assédio moral e sexual é uma forma de violência e é uma constante na vida de muitas mulheres. Um simples caminhar pelas ruas podem nos render assédio. Por vezes somos surpreendidas por "fiu fius" e abordagens invasivas, que nos fazer temer. Numa enquete realizada pela ONG "chega de fiu fiu", com 8 mil mulheres, 81% destas responderam que já deixaram de fazer alguma coisa por medo do assédio masculino!¹⁵

Contudo, alguns homens praticam a violência contra as mulheres, em grande medida, porque têm medo do feminino. É a insegurança e o medo que fazem alguns

¹⁵Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BpRyQ_yFjy8. Acesso em: 12/07/2019.

homens traçarem estratégias de diminuição de uma mulher para atender ao seu ímpeto dominador. A mente insegura traça planos que aos poucos viram hábitos e se repetem sem o crivo da consciência e da razão. Esta mente insegura acredita que, para ter a mulher amada ao lado, precisa mantê-la cativa, mesmo que seja num cativeiro emocional. É preciso diminuir sua importância e sublimar sua autonomia para que ela se sinta dependente e esteja sempre ao lado de alguém muito sábio e seguro de si. Por isso, determinados comportamentos se repetem e viram hábitos. Sim, torna-se habitual para alguns esposos e namorados falar coisas constrangedoras sobre a esposa, na frente de outras pessoas, com a finalidade (as vezes inconsciente) de diminuir a importância dela. Também vira costume ser grosseiro e contar histórias deles, em que ela aparece ridicularizada. Estes são casos de violência psicológica.

Conto a seguir, a história de Gisele que expressa casos de violência física e psicológica. Ambos os tipos de violência estão interligados. Sendo que inicialmente, geralmente se começa com a violência psicológica, que tende a evoluir para a violência física.

Gisele, uma mulher de 33 anos, casada há 11 anos, trabalha como designe de interiores há 7 anos e construiu às custas de muito trabalho, uma clientela sólida e um trabalho respeitável. Mãe de duas meninas e participante ativa na comunidade evangélica da igreja que frequenta, ela sempre muito ativa e também atraente. Mas, embora ela observasse que desperta olhares de admiradores, o seu esposo Cláudio não perdia a oportunidade de sempre lhe

dizer o quanto ela estava gorda, utilizando o eufemismo de que ela estava cheinha. Ele dizia isso, e logo após ressaltava a admiração que tinha pelos corpos de algumas musas famosas. Aquilo muito entristecia Gisele, pois ela se sentia menosprezada. Mas, isso não se comparava a humilhação que ela sentia quando ele começava a reclamar com ela na frente de outras pessoas. Quando davam uma festa, ela ficava tensa porque sabia que teria problemas com o comportamento de Cláudio. Era comum ele reclamar com ela e lhe dar ordens.

– Gisele! Você não comprou gelo suficiente!

Falava com aspereza.

Só em ouvir chamar seu nome, naquele tom ríspido, Gisele já corava de vergonha. Ela amenizava a situação, sorrindo levemente e falando com uma voz suave.

– Êita, estes gelos de hoje em dia, parecem que evaporam...

Tentava não sentir culpada, nem culpabilizar o esposo, que continuava rindo, contando seus causos, enquanto ela, se sentia um peso no mundo. A expressão dela era sempre de muita tensão e desconforto. Parecia estar sempre com medo e nervosa. Tanto, que uma vez, derrubou uma bandeja de copos no chão! O barulho foi grande. E a vergonha também. Cláudio deu um berro:

– Tá doida!!

Entre olhares de pena e gargalhadas, Gisele se viu ali como um peixe fora d'água e teve vontade de sair correndo... No entanto, lembrou-se das filhas, Júlia e Giovana de 6 e 9 anos. Cláudio não facilitaria para elas. Por isso, conteve-se. Mas decidiu que naquela noite teria uma conversa séria com Cláudio.

Já tarde da noite, quando todos os convidados tinham ido embora, era chegada a hora da conversa. Gisele anunciou que gostaria de conversar sobre o que aconteceu naquele dia e do quanto ela estava se sentindo mal. Cláudio nem a deixou completar a frase e já interrompeu, dizendo que ela estava procurando confusão. Gisele negou que estivesse procurando confusão, mas que estava apenas tentando conversar. Cláudio falava por cima dela e não a deixava concluir. Ela começou a chorar e ele, visivelmente alterado a empurrou bruscamente contra a parede. Ela, atônita, ficou paralisada com o susto. Ele a deixou no chão, pegou as chaves do carro e saiu apressado.

Ele não voltou para casa naquela noite. Gisele não conseguiu dormir, preocupada com o que poderia ter acontecido. E Cláudio deu-se por desaparecido até às 15h da tarde do dia seguinte. E voltou como se nada tivesse acontecido. E Gisele? Por medo, calou-se e continuou fingindo que era feliz.

Situações como as descritas acima são expressões de violência doméstica, tanto violência física, quanto violência psicológica. É visível que a personagem sofre por conta da humilhação e ridicularização proporcionada pelo esposo, que exerce poder coercitivo sobre ela. Por medo, ela deixa de se impor e não reivindica para si o respeito. Ele a tortura com sumiços e a agride fisicamente. Este é um tipo caso de um relacionamento abusivo, sofrido comumente por tantas mulheres.

Alguns homens habituariam-se a maltratar as mulheres e algumas mulheres habituariam-se a serem maltratadas, tentando amenizar seus sofrimentos. Mas, os hábitos podem deixar de existir? Sim, desde que o outro reconheça em si tais hábitos, conscientize-se deles e, se esforce para não mais repetir os mesmos comportamentos. A mulher deve ficar

atenta aos acontecimentos para não ser suscetível ao ímpeto dominador que alguns homens carregam.

Tudo que falta a uma mulher que é subjugada é firmeza de não mais aceitar ser diminuída, para que o outro se erga sobre os seus escombros. Mas é preciso bastante cautela e estratégia, pois reconheço o perigo inerente a determinadas tentativas femininas de livrar-se da subjugação e da violência sofrida. Nestes casos é importante buscar proteção e ajuda de instituições, profissionais e órgãos competentes, pois a violência contra a mulher é um mal que precisa ser enfrentado.



XII

Abandono masculino

Este capítulo surgiu da inquietação que sinto enquanto mulher, por ter sido ouvido que escutou ao longo de toda a sua vida, fatídicas histórias de sofrimento, quando mulheres descobriram que viveram um *pseudoamor* e foram abandonadas pelos seus parceiros. Chamo de *pseudoamor* aquele envolvimento afetivo profundo com outrem, que mais cedo ou mais tarde, revelou sua face escondida: a ilusão. Na verdade, descobriu-se que não havia amor, só engano. Quantas histórias de *pseudoamor* conhecem? Curioso é que, se

pararmos para contabilizar as histórias ouvidas, a proporção de homens que abandonam suas companheiras, traem, enganam e humilham é muito superior às mulheres que fazem o mesmo. Sempre existirão histórias de traições e abandonos de ambos os lados, mas a quantidade é desproporcional. Comparadas com os homens, há pouquíssimas mulheres que nutrem *pseudoamores*.

Só para dar exemplificar: faço parte de grupo de mães de meninos e meninas entre 10 e 11 anos que se conheceram na escola. São dez mães que participam desse grupo. Destas, seis foram abandonadas pelos maridos e trocadas por outra mulher. Seis! Alarmantemente, seis. Mulheres lindas, interessantes e trabalhadoras.

É importante acentuar que existe uma diferença entre o divórcio e o que estou chamando aqui de abandono. Ocorrem muitos divórcios sem que antes deles tenha se dado o abandono. As pessoas resolvem divorciar-se por motivos bem distintos. No entanto, o intuito aqui não é discutir o que levam casais a se divorciarem, mas ressaltar o que acontece muito na nossa realidade: muitos homens desistem de um relacionamento conjugal com uma mulher, porque interessou-se por outra mulher. É este fato que conceituo aqui como abandono masculino.

Resolvi fazer uma anamnese e voltar anos afins para ver se recordo de alguma mulher que abandonou e trocou seu esposo por outro homem. Eu não consegui identificar nenhuma sequer! Há é claro, histórias de casamentos que

tiveram fim, mas nunca pela mulher ter traído ou abandonado a sua família. Por isso é interessante que nos perguntemos: por que são os homens os que mais abandonam as mulheres dentro de um matrimônio, por conta que resolveram trocar de mulher? Não me refiro a pedidos de divórcio, porque nestes, o número de mulheres que resolvem se separar é muito maior do que o número de homens. Me refiro à motivação da separação. A resposta a questão acima é simples, embora complexa. Por uma questão cultural.

Alimentamos continuamente a liberdade masculina para as aventuras sexuais e amorosas e restringimos e reprimimos as mulheres. Nós somos ensinadas desde há milhares de anos atrás a sermos mulheres de um homem. É por conta disso que vemos com constância uma grande queixa feminina:

– Os homens não querem nada sério!

Já ouvi isso de tantas mulheres que perdi a conta. Muitas mulheres esperam do homem a decisão da classificação do tipo de relacionamento que estão tendo.

– Afinal, estamos namorando?

Essa é uma grande pergunta que causa muita angústia às mulheres. A definição da relação costuma ser algo cobrado pelas mulheres. E muitos homens realmente fogem de uma definição. É interessante notarmos que existe nesta diferenciação de posturas e expectativas, uma questão cultural que está na base destes comportamentos.

Aos homens é ensinado¹⁶ que precisam caçadores. Já às mulheres, nos ensinam que somos as caças e que ainda temos que nos esforçarmos para sermos presas agradáveis, para que o caçador queira nos capturar para si.

A permissividade social que enaltece o homem que tem muitas aventuras sexuais, dando-o o título de viril, ainda é defendida recorrendo-se a exemplo na natureza, que comparam o homem com outros animais, como o galo. O chamado "efeito galo" explicaria porque os homens precisam trocar de parceiras.

Pois é. Tentam justificar o comportamento promíscuo que alguns homens têm e naturalizar o fato de que homens abandonam frequentemente suas parceiras, por já estarem envolvidos com outras mulheres. Já ouvi também, culpabilizarem a testosterona por tais comportamentos, ou ainda, culpabilizarem o tamanho do hipotálamo. O livro *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* defende que é natural o homem ter mais interesse em sexo do que as mulheres. De acordo com eles, o centro do sexo fica no hipotálamo, que é maior nos homens. Assim, o homem teria uma entusiástica e impulsiva disposição para o sexo. Esse livro defende também, que as mulheres são mais fiéis do que os homens, porque o nosso hipotálamo é menor e porque temos menos testosterona. Mas, essa

¹⁶É claro que se trata de uma generalização para ressaltar esta realidade. Mas, não defendo que todos os homens nem todas as mulheres são educadas desta forma.

relação entre as premissas e conclusão, não torna o argumento válido. Afinal, qual é relação de necessidade que liga o tamanho do hipotálamo e a quantidade de testosterona ao maior ou menor interesse sexual? O livro não consegue estabelecer esta relação e nem tornar aceitáveis os argumentos que apresentam. Mas, o que vemos na realidade é mais um *best-seller* direcionado à doutrinação para a manutenção do *status quo* que sustenta a ideologia machista que continua a culpabilizar as mulheres pelos seus infortúnios de gênero.

Para dar um exemplo, segue a estória de Carolina. Uma bela mulher de 38 anos, independente financeiramente e muito simpática. Mas, parece não consegue ficar casada, pois acabou de dar fim ao segundo casamento. Este seria um julgamento típico. Se o casamento acaba, o problema é da mulher que não conseguiu segurar o “seu homem” e preferiu destruir sua família. É assim que pensam as suas vizinhas. É perceptível que, após se divorciar, Carolina começou a ser excluída dos grupos de conversas, das festas de casamento e aniversário que tinha no condomínio que morava. Além disso, os buchichos e os falatórios sobre ela surgiram rapidamente. Questionava-se a índole dela e o quanto ela parecia ser falsa, pois aparentava ser tão “boazinha”, mas já havia trocado de marido duas vezes! Conversas como essas, rolavam enquanto mães acompanhavam seus filhos e filhas no parquinho da praça.

Mas será que o fato de associarem a vizinha em questão, à pecha de má, estava relacionado ao fato dela ser uma mulher divorciada pela segunda vez? Sim. Pesava sobre ela o fato de ser mulher. No mesmo condomínio já tivemos diversos homens que se separaram algumas vezes e nem por isso ouvi as pessoas falando mal deles, julgando-os ou excluindo-os dos grupos e das festas.

Somos, às vezes, cruéis com aquelas que decidem se separar, mas extremamente permissivas com os homens que se separam e pulam constantemente as cercas de um relacionamento conjugal. Essa permissividade contribui para que, na maior parte das vezes, os homens deixem suas esposas por já estarem envolvidos com outras mulheres — que são geralmente, mais jovens e atraentes — **fazendo** com que essas mulheres sofram o abandono terminal.

E, além do abandono terminal que se caracteriza pelo fim da relação, há também o abandono relacional. O abandono relacional se configura quando temos a sensação de estarmos sós, mesmo estando acompanhadas pelos parceiros, porque houve um abandono da relação e as partes constituintes da mesma, se isolaram em seus respectivos mundos.

O abandono masculino é verificado de forma ainda mais alarmante na comunidade carcerária feminina. Se em condições de liberdade já somos largamente abandonadas, quem dirá quando deixamos de prestar nossas tantas atividades de serviços. Este é o caso das mulheres que

estão presas. Nas prisões, as mulheres quase não recebem visitas, se comparadas com as visitas que as mulheres fazem aos homens presos, sejam elas suas mães, filhas ou companheiras. Muitas mulheres não são visitadas nem pelos seus companheiros e nem por outras mulheres. Isso se dá, em grande medida, porque essas outras mulheres não podem visitá-las por estarem assumindo os serviços que a presidiária realizava antes, como cuidar dos filhos e filhas, por exemplo.

A sociedade patriarcal vulnerabiliza as mulheres e nos faz acreditar que somos dependentes da presença masculina. E assim, se somos abandonadas e trocadas, isso pode ser um fator gerador de grande sofrimento e até mesmo, de adoecimento. Esta sociedade vê até com uma certa naturalidade, que homens traíam e até, abandonem suas famílias, porque simplesmente, querem trocar de parceiras.

Mas, a situação de ser abandonada por alguém pelo qual se dedicou grande parte da vida, simplesmente pelo fato de não mais servir ao gozo e nem agradar aos esposos ou namorados é motivo de grande sofrimento. E, é em grande medida é um indicativo da forte presença do machismo em nossa sociedade. Quando a força feminina atuar socialmente como uma contracorrente da hegemonia da dominação masculina, o abandono do homem deixará de ser tão marcante e sofrível e o sentimento de abandono perderá o seu sentido.



XIII

Briga de casal

Não é incomum que muitos casais enfrentem problemas sérios de relacionamento. Afinal, não é nada fácil convivermos uns com os outros, aceitar e respeitar as diferenças e coexistir pacificamente. Mas é certo que existem pessoas que são mais difíceis de conviver do que outras. Essas pessoas são geralmente aquelas mais egocêntricas, com traços de personalidade narcisista que tem dificuldade de respeitar os limites e precisa impor a todo o momento a direção da vida do outro. Mas não permitem que os outros também exerçam influência sobre a sua vida, modificando algumas de suas ações planejadas.

Culturalmente, é geralmente ensinado aos homens que eles devam ser os chefes da casa e, que nas constantes negociações convivenciais, as vontades masculinas devem imperar sobre as femininas. No entanto, algumas mulheres, ao não se submeterem docilmente às vontades masculinas, são acusadas de serem as geradoras dos conflitos.

É, em grande medida, por conta deste problema, que surgem as famosas brigas de casais. Nestas, basicamente, o que acontece é uma disputa de poder. Os casais se desentendem geralmente, por discordarem de alguns pontos de vista ou atitudes, que têm ou deixaram de ter. Algumas disputas são muito comuns – principalmente no início de um relacionamento – para que o casal crie um certo entrosamento e aprenda a conviver com as diferenças, sem prescindir da individualidade constituinte de cada ser humano. Mas, ao longo dos anos, as discordâncias e brigas tendem a diminuir, pois o relacionamento tende a se solidificar e se harmonizar por meio das podas necessárias para o bom crescimento da planta familiar.

No entanto, se mesmo após decorrido um tempo de adaptação, as brigas persistirem e forem intensas é necessário se estar atentas para o caso de se estar vivendo um relacionamento abusivo. Se dentro de uma relação, uma mulher se sente invadida e desconsiderada nas suas aspirações de individualidade, ela pode estar sofrendo de dominação masculina que é geralmente proveniente da masculinidade tóxica. Esses dois conceitos – já abordados anteriormente – representam basicamente, o comportamento masculino (culturalmente aprendida) em não aceitar e

respeitar a grandeza de uma mulher. Neste âmbito, se faz necessário resistir à dominação.

Resistir à dominação é se impor para não se perder na simbiose da família, que às vezes nos pedem um preço muito alto: prescindir da nossa individualidade. Prescindir da nossa individualidade significa abrir mão de ser nós mesmas, em prol dos outros.

É difícil caracterizar aqui, em poucas palavras, o que chamo de individualidade. Ter individualidade é possuir um núcleo que nos dá personalidade. Este é o famoso “seja você mesma”. Mas, confesso que é difícil definir e entender o que seja isso. No entanto, tem um método infalível para se descobrir o que seria esse “seja você mesma”: analisar o que fazemos com felicidade.

Estar feliz com que fazemos das nossas vidas, com o que somos e nos tornamos é um indicador de que estamos em acordo conosco mesmas, sentindo-nos plena, e que desta forma, não estamos abrindo mão da nossa individualidade.

Mas, muitas mulheres em seus relacionamentos, se veem mais tristes do que alegres, porque, na maior parte do tempo são coagidas a serem apenas, instrumentos de materialização das vontades alheias. Toda coação demanda a existência de alguém que coage, utilizando para tanto, sua força. E, se isso acontece caracteriza caso de violência fruto de relacionamentos abusivos. Nestes, a mulher precisa abrir mão do seu jeito de ser e de fazer e motivação para isso é decorrente dos medos. Seja da violência sofrida, seja medo da dissolução da família. Até porque, é a mulher que geralmente é culpabilizada e responsabilizada pela dissolução da família.

Se a decisão de se divorciar surge pelo motivo de não se estar feliz na relação, muitos entendem como um capricho feminino, uma vez que, aos olhares alheios, não houve motivos suficientes para se dissolver uma família. Quando o desejo de ser feliz é tratado apenas como um capricho, entendemos o pouco valor dado à mulher enquanto ser humano.

É por conta de toda uma pressão social existente em torno da manutenção dos casamentos, mesmo isso custando a felicidade de muitas de nós, que algumas mulheres se aprisionam em seus próprios lares e silencia. Mas, esses estados de silenciamento e inação precisam ser rompidos. E muitas vezes, os resultados deste rompimento são muitas brigas e discussões.

Com o objetivo de acabar com algumas discussões é comum um dos lados cederem sempre, a fim de pôr fim a disputa. Mas se só um lado cede, o desequilíbrio já se instalou e esse relacionamento permanecerá às custas do sacrifício da individualidade de um dos lados. Devido a existência da naturalização da docilidade e sensibilidade feminina, quem geralmente cede é a mulher. A esta é dada a responsabilidade de manter a paz no lar e, para isso, ela precisa entender e aceitar tudo. Ou seja, a mulher precisa sempre ceder aos caprichos masculinos?

A estória de Lucy relata o quanto algumas mulheres sofrem quando resolvem brigar por existirem enquanto aquilo que são, defendendo aquilo que gostam.

Lucy é uma estudante de Serviço social, de 21 anos. Namora o Pedro há 2 anos e um mês. Tempo o suficiente para terem desenvolvidos várias brigas. Terminaram o

namoro e voltaram 3 vezes. Analisando qual seria o principal problemas de tantas brigas, ela concluiu que elas, se devem ao fato de que Pedro quer moldar o jeito dela de ser para que se encaixe no que ele espera de uma mulher, para ele.

Certo dia, ela foi encontrar com ele, numa pizzaria. Ela estava toda animada com a nova aquisição. Ela comprou de um artesão hippie que montou a sua banca na porta da Universidade, um belo colar de cobre, com pedras, acompanhado de pulseira e brincos trabalhados à mão! Ela estava se achando linda, mas Pedro, não. Antes mesmo de cumprimentá-la, na sua chegada, ele interpelou:

– Que colar de maluca é esse?

Falou com desaprovação.

Ela, fingiu que não foi ofendida e cuidou em explicar como tinha gostado dos enfeites. Ele, acrescentou:

– Só você mesmo pra ter coragem de usar isso.

Foi aí que ela sentiu a necessidade de disputar sua individualidade e demarcar seu espaço. Ela falou:

– Você deveria respeitar os meus gostos.

Falou com pesar.

Ele retrucou asperamente.

– Tenho que dar minha opinião!

Ela acrescentou.

– Mas, eu não pedi sua opinião, nem seu julgamento.

Foi aí que Pedro, ficou transtornado e deu um murro na mesa e falo alto.

– Affff, como você é problemática!

Todos olharem na direção da mesa deles. A vergonha de Lucy era perceptível.

Quando ela resolveu falar o que pensava, a tensão se instalou e eles brigaram. Brigaram pelo mesmo motivo de sempre. Pedro era invasivo e não respeitava a individualidade de Lucy.

Embora ela tenha tentado estabelecer um diálogo saudável. O comportamento agressivo de Pedro, típico de quem sofre de masculinidade tóxica, não colaborou para que resolvessem o atrito com parcimônia. E Lucy, preferiu comportar-se com docilidade e engolir o rompante de Pedro e o seu comportamento violento, tentando ressignificar o ocorrido, atribuído para si a culpa de o ter irritado. Mas, seria Lucy uma boba? Por que preferiu ser dócil? Porque há milênios ensinam que este é o nosso papel!

O aconselhamento à docilidade e submissão é expresso com metáforas, como: “a mulher é o pescoço, o homem é a cabeça”. Nesta expressão é claro o poder de domínio atribuído ao homem. Então, implicitamente, o poder da mulher é sustentar a cabeça e fazê-la virar? Isso quer dizer implicitamente que mulher precisa ter dons manipuladores. Ou seja, aí está implícito o ensinamento: não bata de frente com um homem! Mas, seja astuta!

Atribuem às mulheres o dom de sermos tipicamente manipuladoras e astutas. Nossa! Quanta energia emocional teríamos que desprender! Se quisermos que um homem faça algo ou não faça, não poderemos expressar claramente nossos desejos e vontades porque senão eles não aceitariam. É isso? Sempre temos que criar estratégias? Mas, por que os homens não precisam se preocupar com isso e expressam claramente seus desejos e vontades?

Precisamos entender que a habilidade do diálogo respeitoso, onde todos os interlocutores têm direito de falar

e serem ouvidos, deve ser uma constante na nossa sociedade, independente das condições de gênero. A cultura do diálogo respeitoso precisa ser estabelecida nos relacionamentos. Respeitar as necessidades e negociar a realização das vontades deve ser sempre um processo justo, sem que a balança da justiça penda sempre para um mesmo lado. Pois, internalizar o silenciamento é, por vezes, desistir de brigar para sustentar uma falsa paz. Falsa porque, às vezes, para promover a paz no mundo externo, travamos batalhas cruéis no mundo interno. E este mundo interno suplica continuamente pela chamada paz interior, que nada mais é do que se estar em acordo conosco mesmas, sem sentirmos que estamos em falta com aquilo que mais importa: nós mesmas.



XIV

Relacionamento abusivo

Segundo um estudo da Organização das Nações Unidas - ONU (2018), três dentre cinco mulheres já foram vítimas de relacionamentos abusivos. Mesmo diante da grande incidência de casos, constato através de diversos relatos assistidos através de programas de combate à violência contra a mulher, que é difícil identificar um relacionamento abusivo.

Embora saibamos conceitualmente que relacionamento abusivo se trata de uma relação afetiva entre pessoas, no qual, um usa a força e o medo para reprimir e tentar fazer

com que o outro corresponda as suas necessidades, já ouvi muitos relatos que me fez entender que a realidade de se estar sendo abusada, demora a se tornar consciente.

Essa realidade não é apenas de mulheres que não tiveram acesso a estudos ou que possuem pouca bagagem cultural. Esta é também a realidade de mulheres graduadas e pós-graduadas, bem-sucedidas financeiramente e com grande bagagem cultural. Por que não vemos? Como não vemos que estamos sendo abusadas? Vivenciamos, sofremos, às vezes apanhamos e não vemos? Como isso é possível?

Para refletir sobre o assunto, vou falar de uma recordação que tenho de duas mulheres que conheci em um colóquio de Filosofia, na Universidade. Uma relatou que sofria um relacionamento abusivo e não percebia. Outra participante, que estava ao lado, entrou na conversa e afirmou:

– Eu também sofria num relacionamento abusivo. Foram 12 anos e me separei.

Afirmou ela.

Saí daquele evento espantada e, ao mesmo tempo, empolgada para estudar mais sobre o assunto. Pude perceber que os abusos sofridos por mulheres eram mais comuns do que eu imaginava e, mesmo algumas mulheres sendo esclarecidas e com uma vasta bagagem cultural não conseguem perceber que estão passando por algo que tem um conceito claro: abuso. Mas, por que isso acontece? Apresento a seguir algumas possíveis razões que podem

explicar o fato de muitas mulheres sofrerem com relacionamentos abusivos e nem sequer perceberem que estão sendo abusadas.

Algumas mulheres passam por um processo que chamo de simbiose. Estamos tão diluídas na família que não vemos distinção entre nós e a nossa casa (filhos, marido). Assim, as prioridades sempre são dadas à família em detrimento das nossas próprias necessidades. Se, por exemplo, uma mãe tiver de escolher entre ir ao dentista cuidar do seu sorriso, ajudar o filho com a tarefa escolar ou fazer entrevista com a nova secretária que irá lhe ajudar com as tarefas domésticas, o que você acha que ela vai preferir? Cuidar de si ou cuidar dessas outras tantas demandas familiares que sempre são tantas e tão urgentes? Provavelmente a resposta será cuidar das outras demandas familiares.

Mas onde entra o relacionamento abusivo uma vez que é uma escolha da mulher priorizar sempre a sua família? O problema é que se a mulher não atender essas tantas demandas familiares, ela entende que ninguém mais o fará. Esperam sempre de nós e sempre nos cobrarão os resultados, sejam as questões mais variadas possíveis, tais como: a boa saúde dos filhos, sucesso escolar, boa manutenção e conservação da casa e até mesmo um bom planejamento financeiro. Então, a mulher não reconhece que está sendo abusada (que está levando mais cargas do que deveria realmente levar) porque pensa ser esse o seu

real papel. O abuso acontece porque dificilmente, nossos filhos e nossos esposos vão querer deixar de serem atendidos em suas necessidades para que prezemos pela nossa saúde e pelo nosso bem-estar. Quanto mais se faz por eles, mais eles querem de nós. Essa é a lógica de um relacionamento abusivo.

Em se tratando de crianças ou filhos, as mães e os pais estão numa posição de poder acima deles e, por isso, é mais fácil contornar a situação de exploração. Mas, quando se trata de relacionamento afetivo entre um casal heterossexual, no jogo de poder existente, as coisas ficam um pouco mais complicadas, porque as mulheres tendem a ceder à dominação masculina.

Por estarmos numa situação simbiótica com os nossos lares, às vezes, temos dificuldades de reconhecer que estamos sofrendo um relacionamento abusivo. E também porque, diante de tantas demandas que atribuem às mulheres, não dá tempo para que reflitamos muito sobre nossas vidas. Precisamos agir rápido para atender diversas demandas. Talvez seja por isso, que muitas mulheres não percebem o quanto estão sendo abusadas e o quanto estão se abusando. Não dá tempo para pensar sobre o que está acontecendo.

Outro fator que pode explicar a dificuldade de reconhecer que se sofre de um relacionamento abusivo é a sensação de ligação afetiva profunda com o abusador. Isto nos faz acreditar que ele não seria capaz de nos fazer mal porque esse alguém às vezes é romântico, cavalheiro,

compreensivo, provedor e diz que ama. Como pode me fazer mal? É paradoxal para o nosso cérebro aceitar que algo pode ser e não ser simultaneamente. Que podemos ser amadas e não amadas ao mesmo tempo e pela mesma pessoa. Por isso, preferimos nos apegar aos aspectos positivos do relacionamento e sublimamos a nossa capacidade de refletir sobre a situação.

Mas é a constante reflexão sobre as situações vividas diariamente, julgando, analisando e criticando o que nos acontece, que poderemos chegar às respostas de algumas perguntas, como: o que que está realmente acontecendo? Por que eu fiz o que fiz? Por que fazem o que fazem? Ou, como podem deixar de fazer o que fazem e começar a fazer o que não fazem?

Também podemos não reconhecer que vivemos relacionamentos abusivos, por termos diversos medos. Medos está no plural porque os medos são muitos. Medo de sermos abandonadas, medo de destruímos a família, medo de sermos malvistas... São tantas histórias de mulheres que vivem relacionamentos abusivos por medos que não cabem nos anais da história! Mas, retrato a seguir, o exemplo de Milca.

Milca, uma mulher de 43 anos, sempre serviu seu esposo com docilidade e estava sempre a seu serviço. Casada desde os 23 anos, com Gelson, vivia um casamento muito infeliz.

Gelson era um marido muito ausente e Milca ficava em casa o tempo inteiro, cuidando dos quatro filhos e dos

serviços domésticos. Era uma vida infernal. As crianças brigavam o tempo inteiro pelas disputas mais variadas possíveis. E Milca, vivia adoentada por conta de estresse. Quando os filhos demandavam do pai a ajuda para resolver as disputas e conseguirem o que queriam do irmão, ou irmã, o pai sempre falava.

– Veja com sua mãe. Aí é com ela.

Nesses momentos ele parecia ter respeito pela autoridade dela. Mas, na verdade, para ele era muito mais fácil não intervir, não compartilhar para não ter o trabalho de construir coletivamente um lar.

Gelson que tinha muitos fracassos financeiros, culpava Milca pelos mesmos. Dizia que ela não o apoiava. Para se sentir mais forte, ele precisava diminuir Milca. Ou, qual seria outra explicação, uma vez que a acusação não tinha sentido, porque Milca era a típica esposa “esteio da casa”, apoiadora e serviçal e ainda, a pessoa mais econômica que já vi na vida.

Milca sabia da infidelidade de Gelson. No entanto, para se defender, ele dizia que o problema era Milca que era ciumenta e inventava casos. E, para contornar a situação, quando ela tinha provas da sua infidelidade, ele fazia jogo psicológico com ela: saía de casa e, quando voltava, fazia-se de vítima, dizendo que ainda estava profundamente magoado com o que ela “tinha aprontado”. Ela caía na persuasão, preferia acreditar que era louca, esquecia o ocorrido e voltava a bajular Gelson.

Mas isso não a livrava de assédios. Como ela mesmo dizia: ele ficava “perturbando o juízo” dela, atribuindo-lhe culpa de algo que ela não tinha feito e enfatizando, tantas vezes, que ela era a desgraça da vida dele.

Certo dia, Milca se cansou e resolveu buscar ajuda. Foi a um juiz de paz para que ele desse uns conselhos ao seu esposo. Ela queria paz no lar. No entanto, quando ele recebeu a intimação para comparecer à sessão de conciliação, ficou muito bravo. Gritava:

– Eu não sou vagabundo! Eu não sou vagabundo!

Quando muitas mulheres resolvem buscar ajuda para sanar os problemas decorrentes de um relacionamento abusivo, podem encontrar no parceiro, mais reações violentas.

Foi aí que Gelson resolveu se vingar. Contando coma ignorância e temor de Milca, ele pagou a um advogado para se fingir de agente punitivo da lei e intimar Milca a comparecer numa audiência. Ele mesmo a entregara o papel da suposta intimação. Ela a mandou entrar no carro, e dirigiu imprudentemente, cantando pneus, e levou Milca a um terreno baldio, com o intuito de causar terror! Chegando nesse lugar deserto ele entregou o papel a ela e, olhando a cara de medo dela, falou:

– Tá vendo como é ruim ser tratado como vagabundo?!

Ela, muito amedrontada, foi no local indicado, na hora indicada. Chegando lá, o advogado, por pena de Milca, revelou que ele sabia que nada do que Gelson o havia

contado era verdade. Que ela não parecia uma esposa perversa, mas apenas uma mulher tentando se proteger. Foi então, que ele revelou que estava sendo pago para fazer aquele serviço, mas que ela não tivesse medo, que nada aconteceria a ela.

Milca, voltou pra casa triste. Mas a tristeza lhe era uma constante. Continuou a viver como se nada tivesse acontecido. Mas, uns 3 anos depois tentou outra estratégia para conseguir que Gelson melhorasse o comportamento e enfim, tivessem uma família feliz. Ela resolveu fazer uma espécie de dossiê. Elencou num papel todos os pontos negativos do relacionamento de 30 anos, ressaltando com detalhes todos os casos extraconjugais que ela soube que ele teve. Nas contas dela, foram 18 mulheres, com as quais ele a tinha traído.

No fundo, ela tinha a esperança de que ao ler o dossiê, ele refletisse e se tornasse um marido melhor. Quem sabe até, pediria desculpas... Mas, o tiro saiu pela culatra. Ele não gostou nada de saber que ela tinha consciência de que vivia um relacionamento abusivo. E, na verdade, ela nem tinha consciência de que vivia um relacionamento abusivo. Ela só sentia que não estava feliz. No entanto, tudo o que ela queria era que ele pedisse perdão e ela passaria o resto da vida nos braços dele.

Só que, depois do que ela escreveu, ele saiu de casa e passou a voltar esporadicamente. Passado mais de dois anos que ele abandonou o lar, enfim, ela perdeu as esperanças de

que ele voltasse e teve coragem de pedir o divórcio. Vou dizer com as palavras dela, um aprendizado importante: “não deixe um homem tomar o seu fôlego”! Quando isso acontece, a mulher se tornou refém do seu parceiro, por viver em um relacionamento abusivo, onde não há um equilíbrio das forças constituintes da conjugalidade.



xv

Da sutileza dos abusos

Os pequenos abusos diários, que chamo aqui de abusos sutis, são os mais difíceis de serem identificados. É fácil identificar que se está um relacionamento abusivo, quando nos impõem que roupas devemos vestir, para aonde ir ou não ir, o que fazer e como fazer. Além disso é sinal de um relacionamento abusivo, quando são praticadas diversas formas de violência contra a mulher, tais como assédios, violência física e psicológica. Mas é difícil identificar pequenos abusos cotidianos.

No entanto, é preciso dar atenção a esses pequenos abusos, pois, a partir desses, a intensidade e a quantidade

dos demais abusos crescem, uma vez que a mulher não apresenta resistência ao identificar os abusos e tentar evitá-los.

Imagino que deve ser ruim ficar sempre pensando sobre tudo o que acontece num relacionamento e ficar avaliando, pesando... São tantas coisas que acontecem simultaneamente! No mais, essa constante atenção consome energia e às vezes se descobre coisas muito desagradáveis que melhor seria evitar. Então, muitas coisas passam despercebidas e torna-se um hábito adequar-se à vontade do parceiro.

Entretanto, ressalto que é a atenção despreendida para avaliar a qualidade dos relacionamentos e tomarmos atitudes, que podem salvar muitas mulheres de uma relação abusiva. Desta forma, vou relatar abaixo alguns aspectos que caracterizam casos de abusos que facilitar a identificação de comportamentos abusivos.

Às vezes o abuso é tão sutil que nem se consegue perceber. Aliás, percebemos, mas não conseguimos nomear, dá um conceito e transpor os sentidos para uma ideia mais universal. Apenas temos uma sensação de desconforto que ainda não conseguimos nomear enquanto abuso. Mas os abusos se dão de diversas maneiras.

Há uma situação de abuso quando suspeitam de nós e ficam fazendo inferências – jogos de linguagem – para tentar nos pegar na mentira. No fundo, por conta da insegurança e fraqueza do abusador, ele tem medo de traição e por isso, suspeita constantemente da parceira. Dentro de um relacionamento abusivo, se a mulher olhar para os lados pode significar para o parceiro que estamos

flertando com alguém, e nos atingem com famosa frase invasiva: “Tá olhando o quê?!”

Também é uma forma de abuso exigir que a mulher viva para satisfazer as necessidades do homem. Por isso, muitos homens dão ordens as suas esposas e namoradas para que resolvam os problemas que são deles. Por exemplo: se ele perde as chaves da moto, é a mulher que deve encontrar? Se ele sempre perde a hora e se atrasa para pegar a filha na escola é a mulher que deve largar tudo o que está fazendo para solucionar o problema? Nessas situações, o abuso existe quando o homem exige que a mulher resolva os seus problemas e, caso ela não possa, ele ainda se chatear por conta da frustração de não ter sido atendido.

Outra forma de abuso é querer limitar o que falamos e com quem falamos. As formas de expressões desta limitação vêm de diversas formas. Tanto através de olhares de desaprovação, quanto com expressões do tipo: “Você vai insistir?”. Ou mesmo, ridicularizando o que falamos como forma de desincentivar que prossigamos com nosso direito à fala. A capacidade do discurso e o direito a voz nos confere respeitabilidade. Sendo assim, mais discurso, mais poder. Agora entendemos porque as tentativas de silenciamento são armas poderosas no jogo de poder da dominação masculina. Silenciando ou diminuindo o alcance da nossa voz, a dominação é alcançada.

Os abusadores sempre tentarão nos convencer de que o abuso não existiu, de que tudo não passou de uma invenção ou de que a culpa é nossa. As mulheres que sofrem com baixa autoestima, são as mais vulneráveis.

Quanto mais vulnerável for a mulher, mas sofrerá violência fruto de um relacionamento abusivo.

Mesmo sendo sutis, alguns abusos causam danos profundos em nossas vidas, seja no tempo presente ou em um futuro próximo. Por isso, é necessário acabar com essa cultura do abuso. Para tanto, precisamos buscar informações que nos ajudem a identificar e combater os comportamentos abusivos.

Assim, é importante demarcar bem as fronteiras e nos protegermos do que nos machuca. Uma relação abusiva se dá porque são extrapolados os limites necessários para preservação da individualidade característica de cada ser humano. Quando a liberdade e o respeito ao outro são desconsiderados há invasão da privacidade.

E, para preservar-nos precisamos colocar limites claros entre o aceitável e o não aceitável para a coexistência harmoniosa de um relacionamento. Assim, cada casal e, em particular, cada pessoa, deve pensar e traçar quais são os seus limites e fazer o seu próprio planejamento existencial e, às vezes, fazer escolhas difíceis. Como fez Neuma.

A história de Neuma expressa um pouco do que sofrem muitas mulheres que tem a infelicidade de conviver com parceiros abusadores que não respeitam as nossas escolhas. Ela casou-se aos 21 anos, com Celso, que era elogiado pela sogra como um bom marido. Diga-se de passagem, que esse adjetivo de bom marido foi cunhado na mente de Neuma pela sua própria mãe, e ela ouvia esse termo constantemente, quando ia reclamar das atitudes do marido e buscara aconselhamento da sua mãe. A mãe de

Neuma achava Celso um bom marido, porque, segundo ela, “ele não deixava as coisas faltarem em casa”.

Neuma não trabalhava fora de casa. Ela, que agora tem 37 anos, primeiro cuidou dos filhos até que crescessem e, a mais nova já tem 13 anos. Por isso, ela resolveu que gostaria de voltar a estudar e terminar pelo menos, o ensino médio. Mas, ao conversar com Celso sobre o assunto, como que lhe pedindo autorização, ele, negou, sob o pretexto de que ela não precisava estudar. Mas, vendo que ela não foi dissuadida da ideia, ele resolveu ser mais incisivo:

– Mulher minha não vai sair à noite, pra ficar numa sala cheia de macho!

Neuma nem se surpreendera com a situação porque já sabia que não seria fácil convencê-lo. Mas, ela insistiu. Mostrou o quanto se dedicou exclusivamente à família por 16 anos e que tinha chegado a hora dela voltar a escrever suas poesias. Mas, ela havia esquecido como se escreve. Precisava da escola, de professoras e professores...

Quando Celso viu a firmeza de Neuma, ele viu que não conseguiria dissuadi-la da ideia, facilmente. Foi aí que ele deu a última cartada.

– Se você entrar na escola, eu me separo de você. E, ninguém mais vai querer você.

Neuma sentiu um frio na barriga, decorrente do medo de ficar só e sem apoio. Sabia que sua família não lhe apoiaria. Mas, mesmo assim resolveu apelar para o pai e lhe pedir ajuda. Quem sabe ele poderia fazer algo por ela? Foi aí, que pra sua surpresa, o seu pai a apoiou na decisão de voltar a estudar e disse que ele mesmo a levaria e

buscaria na escola todos os dias, para que Celso se acalmasse.

Celso, que só estava tentando chantagear Neuma, não se separou. Mas cuidou de transformar a vida dela num pesadelo. Próximo a hora dela sair para escola, ele lhe dava demandas para que ela resolvesse. Colocava os filhos em disputa, ou fingia que estava passando mal, ou ainda, fingia acidentes domésticos, para ela ter que limpar: os vidros quebrados, o óleo derramado no chão... Além disso, quando ela chegava, era sempre recebida com cara feia, e insinuações de que ela estava sendo adúltera.

– Que cara feliz, é essa?! Foi estudar na casa de um coleguinha?

Neuma nem reagia. Afinal, o que adiantaria? Entrariam em mais confusão. Às vezes, Neuma pensava que ela estava errada de fazer o que queria. E, se sentia culpada por estar causando tanto mal-estar. Mas, quando ela olhava pra si, para o que realmente queria da vida, tinha forças para continuar com seus objetivos. E entendia que que ele não queria o bem dela, ao não apoiar que ela estudasse. Então, ela soube suportar pacientemente. Mas ela tinha um plano. No ano seguinte ela estaria ‘formada’ e conseguiria encontrar um emprego. E então, teria coragem de pedir o divórcio.

Após cerca de dois anos desde que ela voltou a estudar, conseguiu um emprego. E comunicou ao Celso de que queria o divórcio. Mas, ouviu dele que ela só sairia daquele casamento, morta.

Ela inicialmente, achou que ela estava brincando. Mas, viu no seu olhar que aquela ameaça poderia ser uma

realidade. Ela poderia perder sua vida porque precisava se divorciar. Então, ela agiu rápido e fez a coisa mais difícil da sua vida. Fugiu, deixando os seus filhos. Afinal, ainda não teria para onde levá-los. A sorte estava lançada e ela precisava salvar-se.

Situações como a de Neuma acontecem muito, mas são pouco compartilhadas. A vergonha, o medo a dor... São muitos os motivos para o silêncio. Mas, o acesso a informação e o compartilhamento de experiência e histórias é importante porque é uma grande arma para adquirirmos consciência da realidade - muitas vezes tão silenciosa - e passarmos a enxergar com clareza os perigos que nos cercam. Depois que enxergarmos é necessário fazer com que o outro também enxergue. Mostrar como somos abusadas e tentar evitar que os abusos continuem nos ferindo. E, caso o problema não amenize é sinalizado que chegou a hora de nos salvar. Os abusos que começam de forma sutil podem se transformar em violência e quiçá em feminicídio.



XVI

Situações de uma relação abusiva

Uma relação abusiva se dá porque são extrapolados os limites necessários para preservação da individualidade característica de cada ser humano. Quando a liberdade e o respeito ao outro são desconsiderados há invasão da privacidade. E, para preservar-nos precisamos colocar limites claros entre o aceitável e o não aceitável para a permanência de um relacionamento.

Assim, cada casal e, em particular, cada pessoa, deve pensar e traçar quais são os seus limites e fazer o seu

próprio planejamento. Mas, há uma grande dificuldade de se reconhecer um relacionamento abusivo. Por isso, segue abaixo, uma lista com a demarcação de alguns conceitos importantes para uma reflexão sobre a realidade de se estar vivendo um relacionamento abusivo.

1- Silenciamento

Aqui, silenciamento não se refere especificamente ao ato de ausência de som emitido pela fala, mas significa uma atitude de passividade e abnegação. Alguém na relação é silenciado, implícita ou explicitamente.

Todos nós sabemos como é o silenciamento explícito. É o velho: “cala a boca!” Quando, em uma discussão alguém é violentamente impedido de se expressar. Ou ainda, quando é impedido de falar a partir de outras atitudes do companheiro, como: sair, dar as costas ou ficar falando enquanto falamos. Mas este tipo de silenciamento acontece esporadicamente. Já o silenciamento implícito, acredito ser a forma mais perigosa porque é um processo contínuo de retirada da *self*. Neste, a individualidade e a potencialidade da companheira são castradas por meio de comportamentos abusivos do parceiro que visam

inferiorizá-la e desrespeitar as suas opiniões e desejos expressos.

Quando gritamos pelo nosso direito à fala, lutamos também pelo direito de sermos ouvidas. E me refiro não a uma escuta passiva, como quem escuta uma bela história. Mas há uma escuta transformada em ação. Quando alguém ouve, geralmente coloca em prática o que você está falando porque ele entende a razão e suas necessidades. Mas, em relacionamentos abusivos nossas vozes não são escutadas.

2- Ridicularização

A ridicularização se dá quando riem de nós e não conosco. Mas é muito comum que a pessoa ridicularizada acabe rindo junto com os que riem dela, como forma de minimizar o problema. Afinal, se estão rindo é porque é engraçado mesmo, pensa a ridicularizada. No entanto, o que acontece intimamente, é que rir junto não atenua as marcas impressas na *self* inferiorizada e nos faz sentir ainda mais farsantes, ao tentar dissimular a dor ao invés de enfrentá-la.

Os abusadores costumam ter o senso de humor muito elevado, em se tratando de identificar situações pretensamente engraçadas e rir da sua companheira.

Identificar que se estar sendo ridicularizada é o primeiro passo para acabar com esse ato destrutivo das

nossas potencialidades. É possível se acabar com as práticas de ridicularização, primeiramente, demonstrando que aquilo não tem graça para nós. E, não rir junto é o primeiro passo. O segundo é demarcar seu espaço, dizendo claramente que não gostaria que isso se repetisse. Quando aprendemos a fazer isso, essas situações de ridicularização tendem a desaparecer.

3- Invasão

Esta invasão não significa apenas a invasão dos espaços físicos, mas principalmente, dos espaços subjetivos. A demarcação de um espaço de individualidade é crucial para a existência da saúde psíquica.

Não é porque estamos dentro de um relacionamento que precisamos fazer tudo com o cônjuge ou namorado. Que precisamos sempre estar acompanhadas, muito menos dever atenção exclusiva aos companheiros. Assim, é necessário nutrir amizades, pois sabemos a força da sororidade. No entanto, as amigas das esposas e namoradas são vistas, muitas vezes, como ameaças para aqueles homens que sofrem de masculinidade tóxica. E, por isso, tolhem a mulher de ter contatos com outras pessoas. Não é incomum que a mulher que vive em relacionamentos abusivos, sejam desincentivadas, até

mesmo de terem contato com a sua própria família. Uma vez, isolada, a mulher torna-se mais vulnerável, e a partir de então, os dominadores têm sobre ela, um maior poder de persuasão.

Os espaços precisam ser respeitados e por isso, a invasão de privacidade – hackear aparelhos eletrônicos, exigir as senhas e monitorar com quem se está conversando – se configura invasão de privacidade.

4- Sobrecarga

Dentro do nosso regime patriarcal, muitos homens são educados para fazerem o que querem e na hora que querem. Em contrapartida, muitas mulheres são educadas para que sirvam aos outros constantemente e aprendam a abnegar-se em prol da família. Assim, nos dizem que devemos estar sempre ao serviço deles, resolvendo os seus problemas. Por conta disso, nos sentimos muitas vezes, sobrecarregadas.

Somos nós que nos encarregamos, muitas vezes sozinhas, de trabalhos coletivos, como organizar festas das crianças, organizar álbum de fotos, fazer compras para casa... Sem citar aqui, os tantos trabalhos do dia a dia doméstico. Homens e mulheres precisam agir em conjunto, sendo companheiros. Então, não se trata de ajudar, mas

sim, de fazer junto o que precisa ser feito para o bom funcionamento de uma casa e a manutenção de uma família.

5- Reclamação

A tônica do relacionamento abusivo é o fato de que, o abusador precisa mostrar a todo tempo que é superior. Essa superioridade é destacada a partir da diminuição da capacidade da parceira. Para tanto, o cônjuge necessita mostrar que somos menores e para isso, enfatiza os nossos erros. Assim, as reclamações e as correções, antes de terem um cunho didático, são demarcações de poder.

A falta de paciência de alguns esposos com as esposas é explícita. Falta de paciência e o chamado pavio curto são indicadores de que o outro não nos enxerga com o devido respeito. E assim, em relacionamentos abusivos as reclamações e humilhações da parceira são frequentes até na frente de outras pessoas. Reclamação e correção são feitas por pessoas que, hierarquicamente, se sentem superiores a nós. E se essas reclamações ainda forem acompanhadas de um tom alto e imperativo é tácito que se configura um abuso.

6- Inferiorização

Inferiorizar alguém é tratá-la mal. Mas, o que é tratar mal a alguém? Penso que é ser grosseiro e ríspido. Falar com um timbre de voz alta que denote desrespeito e impaciência e não considerar que isto humilha e entristece o outro. Mas só tratamos mal aquele ou aquela que achamos que é inferior a nós. Uma pessoa geralmente não dará broncas ou falará alto com o seu chefe nem com seu vizinho.

Tratar mal é também ignorar alguém. É retirar nossa autoridade enquanto pessoa. Assim, tratar mal pode ser não nos dá ouvidos. Tratar mal é também desconsiderar e desconstruir nossas opiniões e ideias, continuamente. E, para desconstruir é preciso destruir. Se destrói ideias com palavras que às vezes nos detonam, como essas: “isso só na sua cabeça, né?” ou “você não sabe!”. E essas palavras são sempre acompanhadas de uma linguagem violenta.

É necessário categorizar a situação e expor claramente que estamos nos sentindo ser tratadas mal. Mesmo que a princípio possamos a ter ser ridicularizadas, aos poucos, com muita repetição vamos demarcando o espaço da nossa saúde psíquica e quem sabe, o parceiro passe a entender o que consideramos ser tratada mal e evite assim fazer.

7- Direcionamento

Os dominadores, para sinalizar melhor suas posições de dominantes, precisam sempre saber mais e estar à frente dos outros. Desta forma, mesmo que não sejam perguntados, darão suas opiniões em tudo. E o pior é que, não é que eles sempre têm razão? As opiniões são sempre revestidas de muitos conhecimentos e habilidades retóricas. Dessa forma, vão minando nossas potencialidades porque começamos a nos sentirmos pouco capazes em tudo.

Mas há uma forma de contornar tudo isso: as ordens advindas de quem não nos cabe ordenar e o sofrimento decorrente do sentimento de subjugação. Dizer firme e calmamente que não gostamos das ordens ou da forma como nos foram dirigidos certos pedidos e, acima de tudo, continuarmos dizendo isso, insistentemente, até que se internalize a mensagem.

8- Apatia

Penso que se o amor tem uma essência, o nome dela é empatia. É através da empatia que o amor deixa de ser meramente uma palavra e se materializa a partir das ações dirigidas ao ser amado. Mas, se convivemos com alguém que não quer saber se estamos bem, como nos sentimos ... é possível achar que essa pessoa nos ama? Eu acho que, quem

não se importa conosco, não nos ama. Algumas perguntas triviais, como: “você dormiu bem?”, “fez boa viagem?” têm a grande capacidade de nos fazer sentir amadas.

Existem momentos, como quando se está doente, por exemplo, que a pessoa fica muito fragilizada. Não há nada mais devastador para uma mulher do que não ter o apoio do companheiro no momento de doença. Mas, muitas mulheres que convivem com um homem que sofre de masculinidade tóxica já podem ter sido abandonadas em momentos de dor, porque, por alguma razão, o companheiro está chateado com ela e não quer socorrê-la. Uma vez ferido, o ego de um homem frágil funciona como uma armadura tão hermética que cobre a sua capacidade de empatia e ele se torna apático e frio.

9- Chantagens

As formas eficazes de convencer personalidades frágeis a ceder às vontades dos abusadores é recorrer à birra, pirraça ou drama. Às vezes, essas formas de convencimento aparecem juntas. Mas, cabe aqui uma breve diferenciação entre esses três tipos de manifestação de estratégias infantis.

A birra é um estado de comportamento alterado que se dá quando não se consegue o que se pretendia. Neste estado, crianças costumam chorar e se espernear. Mas, como identificar a birra em um adulto? Ele fará algo

incomum para o momento como se deitar, dormir ou ficar com a conhecida “cara feia”. Mas, independente da manifestação variada dos comportamentos birrentos, o comum é a finalidades destes: tentar chamar a atenção.

Já a pirraça é um estado mais ativo de manifestação e insatisfação com um comportamento do cônjuge ou namorada. O pirracento começa a agir de forma a provocar o seu alvo com comentários ou ações que ele sabe que são irritantes. A ideia é justamente essa: irritar, dá o troco porque se sentiu ameaçado ou frustrado com alguma atitude.

Por fim, o drama. Esse é o mais pesado porque sentimos mais dificuldade de identificá-lo e ele causa dor. A dor maior é pensarmos que provocamos o mal-estar de alguém que amamos. O drama se configura numa hiperbolização de um acontecimento e na capacidade que alguns tem de ficar remoendo a situação para fins didáticos. Didáticos porque a estratégia sempre é nos tentar moldar para que não os decepcionemos.

10- Suspeição

Alguns homens suspeitam das mulheres com facilidade porque são inseguros. E, por meio do constante clima de suspeição, transformam a vida de suas companheiras em um inferno. Momentos leves se transformam em

momentos pesados, alegrias se transformam em tensão, pois o clima de medo é constante: o que ele vai pensar, o que ele vai fazer, se eu fizer ou disser isso ou aquilo.

Tenho dúvidas se o clima de suspeição é instalado premeditadamente como uma estratégia de intimidação ou se é apenas uma expressão involuntária de um ego forte e de uma alma frágil e insegura. Mas o que sei é que no jogo de poder entre os gêneros, o destaque das mulheres é o calcanhar de Aquiles dos homens inseguros.

Poderíamos ainda acrescentar aqui outros conceitos que expressem os tantos aspectos que compõem a dura realidade vivida por mulheres que sofrem em relacionamentos abusivos. Mas, estes dez pontos conseguem traduzir os principais conceitos para os quais precisamos nos atentar a fim de que reconheçamos a existência de relacionamentos abusivos.



XVII

Uma mulher forte para um homem forte

Grande parte do que vivemos é escolha nossa. Tem coisas que nos acontecem de surpresa, mas para que acontecesse – mesmo querendo que não tivesse acontecido – precisamos estar ali, ocupando aquele espaço, cedendo às emoções do momento. Assim, mesmo que tenhamos vivido por muito tempo sob a dominação masculina e tenhamos vivido experiências em que nos sentimos frágeis e indefesas, nunca é tarde para escolhermos retornar a direção das nossas próprias vidas e encontrarmos em nós a força feminina.

Quando digo acima que uma mulher forte exige um homem forte não defendo aqui que para sermos mulheres fortes tenhamos que estar ao lado de um homem. Nosso bom humor, vitalidade e força não dependem de uma assistência masculina. Mas, uma vez estando em um relacionamento heterossexual, uma mulher forte não conseguirá conviver com um homem frágil: aquele, que portador da masculinidade tóxica tentará subjugar a mulher como forma de reprimir o seu potencial. Na verdade, é por apego e medo que muitos deles nos maltratam.

Uma mulher forte é aquela empoderada, que é e faz, o que acredita que deve, sem se preocupar com os julgamentos de uma sociedade patriarcal que pensam que os corpos das mulheres, antes de pertencerem a si próprias, pertencem ao coletivo. O empoderamento feminino é a expressão da força feminina que reconhece em si o poder de comandar o seu próprio destino.



XVIII

Como pode alguém não ser feminista?

O cerne deste livro é o feminismo, porque defendo que deva existir um equilíbrio entre as forças femininas e masculinas. Mas, enquanto não alcançamos este equilíbrio precisamos lutar. Por isso precisamos chamar a atenção para a importância do feminismo pois ele é um movimento que nos faz entender o quanto as mulheres são subjugadas na nossa sociedade machista e submersas em jogos de poder em que somos oprimidas pela masculinidade tóxica.

Grande parte da problemática exposta por esse livro é fruto da nossa cultura machista e conservadora. E

infelizmente, ao invés de progredirmos nas ideias libertárias e igualitárias, estamos vendo ressurgir uma onda conservadora fortíssima em nosso país. Vejo muitas manifestações de ódio e agressões gratuitas só por se discordar da postura ideológica de outrem. Apresento abaixo, uma atitude que, embora pareça simples, me chocou muito. Uma mulher de um político famoso postou uma foto nas redes sociais com uma mesa posta, declarando que estava esperando o marido e, acrescentou: “sorry, feministas”. O que essa mulher entende por feminismo? Ou, será que ela realmente já parou para pensar sobre o que são feministas?

Muitas pessoas, apoiadas num pensamento machista e conservador das desigualdades impostas pela nossa cultura, disseminam o antifeminismo através de boatos grosseiros, como: que feministas não se depilam, de que são depravadas – porque de vez em quando mostram os peitos em forma de manifestação – de que não gostam de homens e não gostam de se cuidar.

Embora eu tenha tentado traduzir de forma mais neutra possível, não consigo deixar de ter um tom irônico frente a deficiência da argumentação do discurso antifeminista exposto por duas mulheres e um homem (personalidades políticas, cujo nome não apresentarei aqui), os quais eu analisei. Eles afirmam que o movimento feminista só é agitação e barulho pois não resolve nada. Defendem a dominância masculina como natural, pois, de acordo com eles, quem conquista, domina. Uma delas, chega a afirmar que a mulher tem vários privilégios por ser mulher, inclusive, a licença maternidade. Definem com clareza que

deve haver uma distinção entre o papel do homem e o papel da mulher. E que, antigamente, havia um ajuste saudável e natural na sociedade. Uma delas, cita as milhares de crianças sem pai na certidão de nascimento e alegam que a culpa é do feminismo! Será que a culpa é das mães feministas ou dos pais irresponsáveis? Esse fraco discurso antifeminista afirma que o fato de não existirem muitas mulheres na política ou em outras posições de liderança é desinteresse das mulheres nesses assuntos. As mulheres feministas, alegam eles, querem privilégios. Querem diminuir os homens.

Bom, não é necessário muito trabalho para combater essas ideias acima porque a maioria delas são insustentáveis diante de algumas perguntas, quem dirá diante de uma contra argumentação que apresente dados estatísticos. O movimento feminista, antes conhecido como sufragista, luta pela igualdade de oportunidades entre homens e mulheres e para que não haja a subjugação de uns, em detrimento de outros.

O que muitos não conseguem ou não querem entender é que o ser mulher, historicamente, sofre com papel de submissão e inferioridade com relação aos homens e que isso destinou às mulheres as mais diversas formas de abusos e violências. Quem nunca passou por isso talvez nunca conseguirá entender o que é lutar pelo direito de ser respeitada enquanto aquilo que se é: mulher.

Não é uma questão de luta por poder, mas sim, por respeito. Nós, feministas, não queremos humilhar ou diminuir os homens. Só queremos ter direitos e oportunidades semelhantes e não sermos excluídas ou

humilhadas (de qualquer ambiente que seja), simplesmente porque somos mulheres.

Quem quer ignorar o que digo acima precisará se atentar aos dados (alguns deles expostos nesse livro) que atestam que: mulheres recebem menos que os homens, mesmo ocupando os mesmos cargos; mulheres são mortas, simplesmente por serem mulheres. Muitos homens acham que têm para si a posse dos nossos corpos e dos nossos seres.

Esse livro também mostra, a partir de algumas situações, que a inferiorização da mulher está em pequenas cenas do nosso cotidiano. E são verificadas em muitos comportamentos, atitudes, palavras...

É difícil de entender que alguém seja contrário à realidade de que homens não devem subjugar as mulheres e que às mulheres não cabem apenas as posições de menores prestígios. Foi por isso que passei a examinar alguns discursos contemporâneos no Brasil que tentam desconstruir o feminismo. Afirmo com segurança que a dominação masculina não é natural, mas sim, socialmente construída. Não há pesquisa que comprove que é a estrutura biológica masculina a responsável pela dominação masculina e a consequente subordinação feminina. Se assim fosse, em todos os tempos e em todas as culturas, a mulher nunca poderia ter dominado os homens através da ocupação de liderança na sociedade, subjugando também os homens as suas vontades. E desta forma, não poderia ter havido uma Cleópatra ou uma Tacher, ou Golda Meir, ou uma Dilma Rouseff.

Afirmo, que nós mulheres, não queremos privilégios. Queremos apenas respeito e liberdade para sermos o que somos: mulheres.

É necessário entender que no jogo de poder em que estamos imersas cotidianamente – e que é comum a natureza das relações – todas e todos temos em nós poderes. O fato de pertencermos a certo gênero não deve ser uma condição determinante para que detenhamos privilégios uns sobre os outros, e assim exista a dominação de um gênero sobre o outro. Reservo a esperança de que em breve, não precisemos lutar para que a força masculina deixe de se sobrepor sob a força feminina e que entendamos que o feminino e o masculino são duas forças que não se sobrepõem, mas que compõem conjuntamente as facetas da nossa existência e que necessitam se materializar de forma equilibrada em nossas sociedades.



REFERÊNCIAS

Agência Câmara de Notícias. **Baixa representatividade de brasileiras na política se reflete na Câmara.** Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/554554-baixa-representatividade-de-brasileiras-na-politica-se-reflete-na-camara/>. Acesso em: 13/01/2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BÍBLIA. São Paulo: Paulus, 2002.

CUT, Nacional. **Mulheres ganham até 25,1% menos que os homens, diz IBGE.** Disponível em: <http://www.sjsp.org.br/noticias/mulheres-ganham-ate-25-1-menos-que-os-homens-diz-ibge-5881>. Acesso em: 22/12/2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil->

registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml. Acesso em 11/11/2019.

FUTURA. Femicídio: a cada duas horas uma mulher é assassinada no Brasil. Disponível em: <http://www.futura.org.br/cada-duas-horas-uma-mulher-e-assassinada-no-brasil/>. Acesso em 07/11/2019.

GAZETA DO POVO. Homens representam 76% dos suicidas do Brasil, revela relatório da OMS. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/saude-e-bem-estar/homens-representam-76-dos-suicidas-do-brasil-revela-relatorio-da-oms/>. Acesso em: 19/01/2020.

G1. Três de cada cinco mulheres já foram vítimas de relacionamentos abusivos.

Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/10/tres-de-cada-cinco-mulheres-ja-foram-vitimas-de-relacionamentos-abusivos.html>. Acesso em: 14/12/2019.

G1. Estudo diz que Brasil tem, em média, 13 mulheres assassinadas por dia. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/11/estudo-diz-que-brasil-tem-em-media-13-mulheres-assassinadas-por-dia.html> Acesso em: 20/01/2020.

INEP. Disponível em: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 19/01/2020.

JUSBRASIL. **População carcerária.** Disponível em: <https://pedromaganem.jusbrasil.com.br/artigos/207122678/qual-e-a-populacao-carceraria-quantos-homens-e-quantas-mulheres-estao-presos-quantos-dos-detentos-estudam-quais-os-crimes-que-mais-pendem-vamos-aos-numeros>. Acesso em: 17/01/2020.

LIMONG, Maria Isabel. **A filosofia e a desigualdade de gênero.** Disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/en/comunidade/coluna-anpof/981-a-filosofia-e-a-desigualdade-de-genero>. Acesso em: 27/03/2020.

MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>. Acesso em: 19/01/2020.

NIETZSCHE, Frederich. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral.** São Paulo: Hedra, 2008.

PEASE, Bárbara e Allan. **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?** Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

RODRIGUES, Natália. **Brasil ocupa 5º lugar no ranking mundial de violência contra a mulher.** Disponível em: <https://bandnewsfmrio.com.br/editorias-detalhes/brasil-ocupa-5o-lugar-no-ranking-mundial-de-v>. Acesso em: 20/01/2020.

TEDEX São PAULO. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BpRyQ_yFjy8. Acesso em: 12/07/2019.

VALOR. **Apenas 13% das empresas brasileiras têm CEOs mulheres.** Disponível em: <https://valor.globo.com/carreira/noticia/2019/10/15/apenas-13-percent-das-empresas-brasileiras-tem-ceos-mulheres.Ghtml>. Acesso em: 17/03/2020.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos e subjetivação.** Curitiba: Appris, 2018.

AGRADECIMENTOS

A minha família, pela confiança.

A minha amiga Thaise Paim, por ser uma parceira de todas as horas.

À Fabiana, Lurdinha, Joelma e Cinthia, pelo incentivo e inspiração.

A minha amiga Sandra, pelo apoio e colaboração para que esse livro ficasse pronto.

À Editora Edfika nas pessoas de José Edson e Edsangela Rose, por contribuírem para a disseminação da cultura e do conhecimento.

A todas as mulheres que lutam diariamente por respeito e equidade. Com destaque para Camila Paiva e o Leia Mulheres Arapiraca.

HOMENAGEM

Homenageio o meu pai, Jorge Melo, que faleceu no dia 12 de outubro de 2020, aos 59 anos, vítima da *Covid 19*. Por conta da imprudência de alguns, seis milhões, oitocentos e um mil, setecentos e vinte e duas pessoas pagaram o preço com a sua própria vida.

Minhas condolências aos que sofrem pelas ausências das vítimas fatais da pandemia da *Covid 19*, que até 03 de março de 2023 nos deixou esse número tão triste.

A vida segue, mas não existe um novo normal. A capacidade de dissimular nos resgata da crueldade da realidade. Mas, ao invés de dissimular temos que aprender com a dor. E o grande aprendizado é termos a consciência de que estamos todas e todos conectados, mesmo que parecêssemos distantes. Se eu estiver bem, as outras e outros estarão bem. Mas o contrário também é verdadeiro.

Que saibamos nos preservar, a fim de que preservemos umas as outras e outros e busquemos os equilíbrios: equilíbrio interno, equilíbrio com a natureza e o equilíbrio em nossas relações.

Estamos juntas e juntos, partilhando uma existência que é particular, ao mesmo tempo em que é coletiva. Por isso, cuidemo-nos com amor.

SOBRE A AUTORA



ELLEN MELO

Ellen Maianne Santos Melo é Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; Especialista em Epistemologia e Fenomenologia, também pela UESC. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL e Doutora/2022 em Educação, pela mesma Universidade. É professora de Filosofia do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, Campus Arapiraca. Possui grande produção acadêmica, incluindo: publicações de artigos em revistas Qualis A e B; Palestras; Participação em diversas mesas-redondas; minicursos e oficinas. Foi Bolsista Produtividade PQ A e possui Reconhecimento de Saberes e Competências – RSC III. É autora da Coleção As Metáforas de Phyna, livros de literatura infanto-juvenil que ressaltam a potência feminina. Essas informações e muitas outras constam no currículo disponível na plataforma Lattes. @ellenmaianne

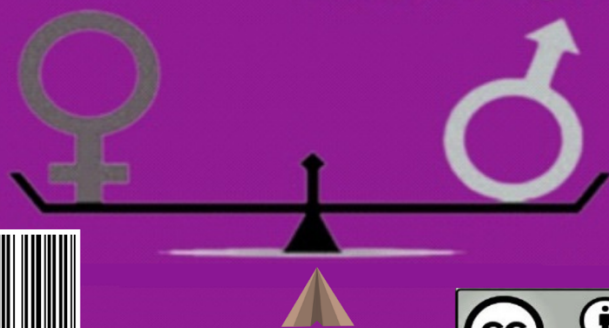


EDITORA EDFIKA

82 9 9376 2377 e 82 9 9190 9105

Apresentar ao mundo o livro *Em Busca do Equilíbrio: entre o feminino e o masculino* é ajudar a transpor barreiras e desvendar tabus. É preciso que pensemos sobre as relações de poder inerentes à cultura da demarcação dos gêneros que promovem a desvalorização feminina diante de um contexto social impregnado de uma cultura machista e patriarcal. Está mais do que na hora de reconhecermos os infortúnios de gênero vivenciados – tanto por homens, quanto por mulheres – e buscarmos um equilíbrio entre os poderes feminino e masculino. Embarquem nessa viagem analítica repleta de conceitos e histórias trazidas por uma personalidade feminina forte e desbravadora. Convido à leitura deste livro e desfrutem de encontros e descobertas proporcionadas por esta obra esclarecedora e envolvente.

José Edson Cavalcante da Silva
Escritor, músico, poeta e Editor



EDITORA EDFIKA

